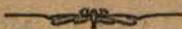




Arthur Hon. Lempaire.

Sc. et Lith. B. L. de Lal.

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO



I



urillo pintou uma virgem que o marechal Soult levou para França e que o governo francez comprou para a galeria do Louvre por mais de meio milhão de francos, se me não engana a memoria. Pois não fez só essa. Em Hespanha vi outra perfeitamente identica em desenho, execução e colorido.

Nenhum preceito me veda imitar os grandes artistas na repetição das obras, já que os não posso egualar na qualidade d'ellas. Por isso me incumbi d'esta noticia apesar de já ter escripto ácerca do mesmo assumpto na lingua franceza e no idioma patrio.

Tambem cada um d'esses trabalhos teve fim differente. Era destinado o que escrevi em francez a começar a galeria dos nossos homens distinctos. Filho da imprensa procurei honrar a minha classe principiando por um

dos seus mais gloriosos ornamentos. O' outro, escripto em portuguez ou com terminações portuguezas—que eu já não sei em que lingua fallo ou escrevo, nem tão pouco em que dialecto por ahi se falla e escreve—o outro pois era a paraphrase da biographia franceza *ad usum Delphini*, isto é para instrucção e recreio d'este nosso querido Delphim, chamado povo, que todos amam e veneram principalmente nas vespéras das eleições.

O escripto que se publica hoje aqui é para os leitores da *Revista Contemporanea*. Não se lhe póde chamar biographia, nem estudo, porque realmente não passa de um resumo consciencioso dos factos com algumas mui raras considerações que me cahiram da penna e que não tive a desalmada coragem de desprezar.

Eu não posso ser juiz na causa. Desde já me dou por suspeito pelas minhas relações de amizade e obrigação com a parte. Mas não me eximo de referir os factos e de responder pela verdade de cada um d'elles. Eu narro. A gente de sã consciencia julga. Dos outros riremos, já que assim o querem.

Não entendem muitos como a gente ri de quem o agrava e offende. Se elles nos offendessem e aggravassem... mas só a si proprios se molestam e prejudicam quando sem ousarem contradizer a verdade conhecida por tal, insultam quem a proclama e defende.

E então a gente ri-se, não de escarneo, mas de compaixão da cegueira alheia, e ainda ri outra vez quando esses mesmos que á pedrada mutilaram a estatua, andam depois juntando os pedaços para a completarem de novo, como tantas vezes se tem visto entre nós.

O insulto e a injuria são preitos indirectos que os maus prestam á verdade. Não a podem negar. Não a podem contradizer. Não podem resistir á sua supremacia. Insultam e injuriam. Revoltam-se contra a preponderancia da justiça. É natural.

A justiça e a equidade são dois diamantes que os mineiros politicos raras vezes encontram nos seus trabalhos. Não sei mesmo se desdenham d'elles por serem mais duros de talhar. Essas duas virtudes florescem junto dos tumulos como os chorões e os ciprestes que ali crescem e prosperam, abrigando com propicia sombra o descanso eterno do homem que já foi.

E porque não ha de ser imparcial o juizo dos contemporaneos durante a vida como é quasi sempre justo depois da morte? É que Deus creou os mortaes á sua imagem e semelhança, mas não lhes concedeu a perfeição suprema que é attributo especial da divindade.

Eu proprio que escrevo estas linhas terei tambem peccado — quem sabe?—por injustiça contra alguem. Não digo que não, mas das potencias de alma responsaveis por esse attentado, uma está innocente. É a vontade. Póde illudir-me a memoria. Póde enganar-se o entendimento. A vontade, essa é sempre firme em prestar homenagem ás boas acções e aos que as praticam, qual-quer que seja o partido a que pertençam.

II

O sr. Antonio Rodrigues Sampaio é natural da provincia do Minho. Seus paes Antonio Rodrigues Sampaio e Maria de Amorim, lavradores honrados do concelho de Espozende no districto de Braga viviam na freguezia de S. Bartholomeu do Mar. Ahi nasceu a 25 de Julho de 1806 o redactor principal da *Revolução de Setembro*.

Aprendeu latim com um ecclesiastico da freguezia do Betinho, e entrou por esta antiga porta da instrucção secundaria com passo tão firme que em breve mereceu que o professor lhe confiase a direcção da aula quando por qualquer circumstancia a não podia reger. D'estas primeiras provas de intelligencia e de applicação resultou que o sr. Sampaio pertence hoje ao pequeno gremio de escriptores que sabem e apreciam a lingua de Horacio e de Virgilio.

Em 1821 tomou ordens menores e em 1822 foi cursar philosophia racional e moral com os frades carmelitas de Vianna, concluindo em Braga no anno de 1825 os estudos secundarios que então se chamavam *humanidades*. N'esta ultima cidade frequentou as aulas de Theologia.

Não tendo idade legal para ser subdiacono voltou á casa paterna. N'ella empregando o tempo em ensinar gratuitamente aos filhos dos lavradores visinhos o que aprendera com os seus diferentes mestres hia pagando em proveito dos seus conterraneos a divida em que estava para com o professor tambem gratuito da freguezia de Betinho.

Chegada a época de tomar ordens de subdiacono, as auctoridades ecclesiasticas de Braga não quizeram conferir-lh'as. Nunca chegou a saber-se a causa d'este rigor. Nem sequer póde presumir-se pois que lhe concederam licença para prégar alguns sermões previamente submettidos á censura do prelado.

Cinco vezes aproveitou o joven minorista a permissão de subir ao pulpito sem a menor suspeita de quão outra havia ser

a tribuna em que ao seu elevado engenho estavam promettidas assignaladas victorias.

Seguiu-se em 1828 a luta entre os constitucionaes e os realistas já commandados pelo sr. D. Miguel de Bragança. N'esse tempo Sampaio foi intimado para não ensinar mais e reputado desde logo como inimigo do governo absoluto, apesar de não se ter alistado no exercito constitucional que n'essa época se organisou no Porto contra as pertenções do filho segundo de el-rei D. João VI.

Acabára a guerra no mez de Julho entrando os liberaes na Galliza. No 1.º de Novembro vinte e um soldados do 22 de infantaria vieram de Braga prender Sampaio. Encontraram-no na igreja de S. Bartholomeu ajudando á missa de um sacerdote. Levaram comsigo o celebrante e o acolytho que completára apenas vinte e dois annos.

Esteve no Aljube de Braga e no do Porto. N'esta ultima prisão estudou inglez para traduzir aos seus companheiros de infortunio os periodicos britannicos cujas noticias favoraveis á causa liberal consolavam então da amargura do carcere as desditosas victimas das nossas discordias politicas.

No dia 21 de Abril de 1831 foi solto por deliberação da alçada. Davam-lhe por expiada a imaginaria culpa com o tempo de cadeia. Estavam saldadas as contas.

Deixou com magoa a prisão. Ficavam-lhe ali os seus primeiros amigos, socios na desgraça, e na perseguição, entre os quaes jazia o velho liberal do Douro Ignacio José de Macedo, a quem Sampaio prestára todos os serviços que exigia o estado valetudinario d'aquelle escriptor.

Despediu-se com lagrimas e partiu para Barcellos onde o advogado Manoel José Ferreira Tinoco, que tambem fóra seu companheiro de prisão, o recebeu em caza. Tinha-o convidado a ir residir com elle. No escriptorio do juriseconsulto barcellense adquiriu Sampaio noções de direito que lhe não foram inuteis na sua carreira politica.

III

Com a chegada do Imperador em 1832 devia recrudescer a vigilancia das auctoridades realistas, augmentar a suspeita contra os liberaes e renovar-se a perseguição. Sampaio marchou para o Porto e foi alistar-se no batalhão de voluntarios de D. Maria II, no qual serviu até ao fim da guerra. Então obteve ser nomeado guarda da alfandega d'aquella cidade.

Rendia o cargo seis tostões por dia. Sampaio dava um cruza-

do ao serventuario que o substituia na alfandega e inscrevia na receita do seu magro orçamento dois tostões diarios. Era pouco. Urgia buscar trabalho cuja remuneração fosse sufficiente para equilibrar a receita e a despesa.

Entrou então na redacção da *Vedeta da Liberdade*, que se publicava no Porto, como traductor das folhas estrangeiras e mais tarde foi escolhido pelo proprietario do periodico para redactor principal, logar vago pela renuncia do Abbade de Valbom Antonio do Carmo Velho de Barboza. A *Vedeta* era jornal da opposição.

Sobrevieram os acontecimentos de 1836 e a opposição victoriosa subiu ao poder. Sampaio foi convidado por Passos (Manuel) para ir ser secretario da administração geral de Bragança cujo chefe era então o sr. Manuel de Castro Pereira.

Cazou por esse tempo com a Senhora D. Maria de Barboza Soares de Brito Sá Lençoes viuva do capitão João de Amorim, a qual veio a fallecer em Lisboa no anno de 1844 sem deixar successão.

O sr. Manoel de Castro não foi governar o districto. Sampaio teve de o substituir até á chegada de Rodrigo Pinto Pizarro, depois creado barão da Ribeira de Sabroza, que tambem lhe deixou o governo ao cabo de quinze dias. Ambos estes cavalheiros foram ministros e ambos deram a Sampaio grandes testemunhos de estima e de confiança.

Em 1839 o barão da Ribeira de Sabroza sendo presidente do Conselho de Ministros pediu a Sampaio que aceitasse a nomeação de administrador geral de Castello-Branco, e conseguiu que elle se resignasse ao sacrificio de exercer um cargo de que a menor contingencia politica o podia privar.

Ainda Sampaio não sahira da provincia de Tras os Montes e já o gabinete que o nomeára tinha deixado o poder. Pouco tempo depois surgiu grave desintelligencia entre o administrador geral notado de setembrista e a camara Municipal eivada de cartismo. O ministro do Reino Rodrigo da Fonseca Magalhães demittiu Sampaio e nomeou para o substituir o proprio presidente da Municipalidade. O governo procurava então dar força ao partido cartista e desfazer gradualmente a obra de 1836.

Insondaveis decretos da providencia! O elevado estadista que affastára Sampaio da carreira administrativa devia annos depois tel-o por collaborador nos mais gloriosos trabalhos da sua vida politica e contal-o no numero dos seus amigos mais estimados!

IV

Sampaio veio de Castello-Branco para Lisboa e entrou na redacção da *Revolução de Setembro* que o sr. José Estevão tinha fundado em 1839, e que fazia vigorosa opposição ás tentativas de restauração cartista. José Estevão revolucionou-se em 1844 com os srs. Conde de Bomfim e Visconde de Torres Novas, e depois da capitulação de Almeida passou tambem aos paizes estrangeiros. Sampaio ficou dirigindo o jornal e com grande auctoridade no partido setembrista.

Empregava n'esse tempo o governo os maiores esforços para subjugar a imprensa, e n'essa luta renhidissima teve Sampaio larga occasião de manifestar a sua inabalavel coragem e judiciousa prudencia, resistindo ás exigencias do governo civil e conformando-se com a severidade das leis relativas á imprensa.

Convencido de que eram illegaes as ordens do governo civil, continuou-a publicar a *Revolução*, e durante 11 mezes e 4 dias fez com que ella chegasse aos assignantes mesmo da provincia sem que o governo descobrisse o logar da imprensa, nem o modo como era illudida a vigilancia do correio. Os tribunaes resolveram a final contra o governador civil e a legalidade da publicação foi reconhecida.

Data d'essa quadra a reputação de Sampaio como escritor politico de primeira ordem, fama a que elle ajuntou novos louros cujo viço ainda não passou. É o primeiro escriptor politico de Portugal.

Na vida jornalistica tem experimentado todas as provações como alcançara todas as glorias. Com a perseguição administrativa vieram as questões pessoais, das quaes tres acabariam pelas armas se os adversarios de Sampaio não tivessem reconhecido a sua boa fé. Na quarta houve combate e ferimento.

Em 1846 insurgiu-se o reino inteiro contra o governo. Sampaio foi prezo, encarcerado no Limoeiro e transferido d'ali para a fragata Duqueza de Bragança do commando do sr. Manoel Thomaz da Silva Cordeiro. Durou poucos dias o captiveiro, e o duque de Palmella chamado ao governo convidou o redactor principal da *Revolução* para ser secretario geral do governo civil de Lisboa com honras de governador civil. Sampaio não acceitou. Esperava pela vinda de José Estevão e não queria separar-se dos seus amigos politicos nem para commandar no arraial dos alliados.

Tinha o duque em grande consideração o talento e o character de Sampaio, e era homem competente para avaliar essas duas

qualidades. Não haveria ambição legítima que lhe não satisfizesse porém o alentado athleta dos combates civis de 1839 a 1846 não era ambicioso.

Ao rebentar a contrarevolução de 6 de outubro Sampaio homiziou-se e começou a publicação do *Spectro*. N'elle atacou vigorosamente a Rainha como chefe do Estado, e com igual vigor a defendeu quando a calúnia ousou desconhecer as suas virtudes particulares. O espirito elevadissimo da soberana, e a boa razão e excellentes caracter do sr. D. Pedro v, não foram injustos para com o redactor energico da folha clandestina.

Concluida a guerra civil em 1847 Sampaio voltou á *Revolução de Setembro*. N'ella combateu o ministerio chamado do Protocollo, e todos os gabinetes que se lhe seguiram até 1851 em que o marechal duque de Saldanha conquistando o governo abriu a quadra conhecida com o nome de *Regeneração*.

V

Sampaio foi regenerador. Seguiu o partido progressista que no Porto accitára de bom grado a direcção do illustre marechal, e prestou ao governo de Saldanha, de Rodrigo da Fonseca e de Fontes Pereira de Mello valiosos serviços até 1856 em que o sr. marquez de Loulé recebeu o governo das mãos do nobre duque. A situação de Sampaio não melhorou. Entrára ao serviço da reforma de 1851 como redactor da *Revolução*, e na mesma qualidade assistiu em 1856 á queda dos homens que a symbolisavam, e de quem fôra strenuo defensor.

Dividiu-se então o partido progressista. Parte uniu-se ao novo governo, parte permaneceu com os regeneradores. Sampaio foi d'este numero, e guerreou o gabinete Loulé sem faltar ao que era devido a homens que havia pouco tempo tinham militado sob a mesma bandeira.

No dia 20 de outubro de 1857 o ministro da guerra que era então o sr. Couceiro offereceu a Sampaio o logar de conselheiro do thesouro ou do Tribunal de Contas, mas não obteve que elle accitasse o emprego que muito honrosamente lhe era offerecido sem condições antes com liberdade para continuar a servir no campo opposicionista.

Ao gabinete Loulé seguiu-se o ministerio de que foi presidente o duque da Terceira e ministros os srs. Fontes, Casal Ribeiro e outros amigos politicos de Sampaio. D'estes recebeu a nomeação de conselheiro do Tribunal de Contas em que actualmente serve.

VI

Sampaio tem sido eleito deputado quasi em todas as legislaturas desde 1851 por Lisboa e por outros circulos do reino. Tambem já representou no parlamento a India Portugueza.

Foi um dos fundadores do *Centro Promotor dos interesses das Classes Laboriosas*, e por muito tempo seu director e presidente, cargo de que ultimamente lhe concederam as honras em grata recordação de muitos serviços prestados com notavel desinteresse e entranhado affecto. A gente que trabalha e padece sabe ser agradecida.

O redactor principal da *Revolução de Setembro* é um dos caracteres mais respeitaveis da actual opposição. Possui intelligencia esclarecida e apurada com bons estudos, grande vigor de vontade, longa experiencia dos negocios publicos, muita tolerancia e benevolencia e inabalavel espirito de justiça.

Escreve com grande facilidade, extrema claresa e bastante concisão. É correcto sem ser affectado. «Sampaio,» escrevia eu em 1859, «é um escriptor vehemente e energico, de paixões vivas e mas nobres, e de linguagem franca e severa, mas nunca o vi «faltar a certas attentões que nem todos os seus collegas guardam escrupulosamente. A clareza da razão, a solidez do raciocinio, a vivacidade dos sentimentos, a força das convicções, a placidez do espirito, a facilidade de trabalho, o conhecimento reflectido dos negocios e dos homens, e uma sensibilidade que nas circumstancias grandiosas o eleva ás regiões superiores da «eloquencia tem dado a Sampaio o primeiro logar na imprensa «portugueza.» Não mudei de opinião a este respeito.

A attentão com que o ouvem quando falla no parlamento nasce de duas qualidades que principalmente avultam nos seus discursos. É essencialmente logico e eminentemente pratico. Deve inscrever-se entre os primeiros na lista dos oradores chamados a discutir praticamente os negocios importantes do Estado.

O sr. Antonio Rodrigues Sampaio é respeitado como funcionario, como escriptor, como homem politico, como sabedor dos negocios publicos e como homem de bem.

VII

Não sei de quem o exceda nas virtudes da vida particular. Filho amantissimo, parente extremoso e amigo dedicado, sacrifica-se conscienciosamente a quantas obrigações lhe indica a delicadeza

do coração, e como que vive mais para os outros do que para si proprio. Do seu zélo e desinteressê nas relações de amizade sobejam testemunhos bem como do affecto que lhe consagram quantos o tratam com intimidade.

Seja-me permittido ao concluir este rapido esboço contar uma historia, quea pesar da condição humilde dos que figuram n'ella, me parece vir agora em logar opportunó.

Fui seu hospede em 1860. O meu quarto ficava immediato á sala de jantar, e como estava doente, muitas vezes não sahia d'elle nem me levantava da cama. Pude assim ouvir uma conversação que sem passar por indiscreto vou referir aqui.

Era em um domingo de julho ou agosto. Sampaio tinha ido para o campo. Eu ficára no meu quarto. Os criados preparando a mesa para o jantar conversavam ácerca da instabilidade das cousas humanas, e de ser possivel que o amo viesse a perder o emprego, ou não o podesse exercer nem escrever nos jornaes.

—E então que tem isso? dizia um dos criados. Não se ha de desfazer a casa. Mau seria que fosse por doença, mas para o sustentar cá estamos nós.

E ahí começou cada um a contar os haveres com que poderia entrar para o monte commum, e o modo como os augmentariam trabalhando. O criado do quarto estava escutando aquelle piedoso inventario, e no fim exclamou:

—E comigo não contam? Pois olhem que tenho em Galliza umas terras que valem alguns pares de onças e tambem se haviam de vender para se gastarem aqui.

Ahi teem o homem particular julgado pelas testemunhas presencias e diarias da nossa existencia, que tantas vezes são os nossos mais implacaveis inimigos.

Lisboa 22 de Abril de 1862.

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

COROAS

NOTA DA TRADUCÇÃO, AINDA INEDITA, DOS FASTOS DE OVIDIO

Carta á Senhora Condessa d'Oyenhausen e Almeida
(D. Henriqueta)

Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Sr.^a



ossa ex.^a tem ornado com o seu nome o *Almanach* de meu irmão; v. ex.^a honrou-me sempre com a sua benevolencia, desde antigos e bons tempos, quando podemos dizer que estavamos ouvindo e adorando presente uma das Musas; emfim v. ex.^a herdou d'ella, como filha, a par com a bondade mais serviçal, um espirito fecundo e brilhante, e uma erudição copiosissima.

Espero por tanto que v. ex.^a se prestará sem difficuldade a escrever e assignar uma nota para o poema dos *Fastos de Ovidio*, que eu estou imprimindo em portuguez, todo commentado de passo a passo pelos nossos principaes escriptores e escriptoras.

O mote para a glosa, que v. ex.^a póde fazer em prosa ou em verso, como quizer, são os versos 791 e seguinte do livro sexto:

Lucifero subeunte Lares delubra tulerunt
Hic, ubi fit docta multa corona manu;

O que a minha traducção deu assim:

No subsequente sol, delubro aos Lares
se fundou no logar, onde se affnam
mãos tão artistas a tecer coroas.

Não podia offerecer nada mais proprio a v. ex.^a do que flores e coroas; tudo lhe é muito domestico e familiar.

V. ex.^a conhece a sua Italia moderna como a antiga; disserte-nos pois, ou por sciencia, ou por inducções, ou por conjecturas (que o talento ás vezes adivinha) sobre qual era o logar de que o poeta aqui nos falla; que industria, e por quem exercida, se por homens se por mulheres, esta de entertecer capellas; se era mercado descoberto, ou em lojas; se as flores eram naturaes, ou artificiaes, (no supposto de as haver artificiaes já nesse tempo, o de que eu me não recordo ter achado menção nos meus classicos); finalmente para que serviam, para que se póde conjecturar que serviriam, aquellas coroas que o nosso autor nos diz serem muitas e muito bem feitas. Seriam para os banquetes dos regalões? é provavel; todos os poetas fallam d'esse luxo antigo. Seriam para os amantes pendurarem de noite ás portas das suas namoradas? tambem é possivel; pelos mesmos poetas nos consta esse costume, o qual hoje com o gaz e com a guarda municipal seria inteiramente impossivel. Hoje Ovidio, Propercio, e Tibullo se se lembrassem de pôr por obra o que a este respeito nos contam nas suas elegias, figuravam todas as manhãs na parte da policia.

Queira v. ex.^a escrever sem exforço, e com toda a sua adoravel naturalidade, o que lhe parecer. Dé-me estas coroas antigas destrinçadas a brincar, e eu affianço a v. ex.^a que os nossos leitores lh'as pagarão com outras que não hão de dar o minimo azo para questões.

Tenho a honra de me assignar

De v. ex.^a admirador, e servo
o mais affectivo e reverente

Lisboa 9 de outubro de 1858.

A. F. DE CASTILHO.

RESPOSTA

É bem verdade que seu irmão quiz uma frioleira da minha lavra para o seu *Almanach*, e condescendi. Eu sou filha d'Alcipe, tenho essa ventura, e herdei certamente a mais sincera estima pela familia Castilho; mas agora não me parece que possa obedecer ao que v. deseja, sem embargo de todos os incensos que dá ao meu *espírito fecundo e vasto engenho!* Ora, pobresinha de mim!! os poetas e pintores têm licença de dizer, e pintar, o que bem lhes parece. Quer v. uma nota minha para o poema dos *Fastos de Ovidio*, para apparecer impressa!! Estes *Fastos* o que são? eu nunca os li, porque minha mãe não me deixou; e quando um dia lhe perguntei o que eram, respondeu-me: «É uma coisa que você não precisa saber.» Quem muito ama, muito obedece; nunca mais procurei saber o que eram. O que eu sei muito bem, é que não sei nada; e ha quem diga, que esta é a verdadeira sciencia, pois que sempre ha que aprender.

Coimo v. se contenta com as conjecturas, farei uma com sua licença. Direi pois que as taes capellas eram de flores naturaes, que as jovens romanas cultivavam nos seus jardins, para as darem aos irmãos, digo, aos noivos, quando estes regressavam das guerras, e nos combates tinham feito muitas gentilezas e valentias. Elles para mostrarem o quanto os penhorava esta mimosa lembrança, dirigiam-se ao oratorio dos seus queridos Penates e lá depositavam as capellas, e os ramilhetes recebidos das bellas damas, como um penhor da sua constancia, até que os deuses lhes concedessem a mão tão desejada. Mas se os cavalheiros nada haviam feito que merecesse o applauso e estima publica, deitavam-se as coroas ao chão, pisavam-se, desfolhavam-se as flores, até ficar tudo como os malmequeres, flor agoirenta e amarella! Esta cor em linguagem das flores, quer dizer desgosto, ou desprazer. Muitas haviam de ser as lagrimas por se haver tão mal empregado o tempo. Assim como a lingua portugueza, com pouca corrupção, quasi parece latina, as damas romanas eram tambem como as portuguezas, a quem só agradam valentes. Que tal lhe serve esta minha erudição? Quantas, e quantas haverá assim? Se fosse apadrinhada de algum nome arabe, persa, ou armenio, de quem já não existisse livro antigo nem annaes, que bella figura faria! deitava pós nos olhos a mais de meia duzia! Se os romanos não fossem mais modernos que os chinezes, talvez o livro chinez antigo *Chou King* podesse servir; principia elle pela vida do imperador Yao que viveu 3943 annos antes da era actual.

Ora basta de despropositos. Tenha paciencia; v. assim o quiz; são as flores do meu jardim. Quanto aos quesitos que não levam resposta, haverá muita outra senhora que saiba responder-lhe a seu gosto. Quanto a Ovidio, Propercio, e Tibullo, não os conheço. Talvez sejam tres velhos jarretas que visitavam minha mãe. Ella entretanto mandava-me ler *Kempis*, que depois do Evangelho, e as Epistolas dos Apostolos não acho nada mais perfeito: ahi acho quanto me é util para o ceo, aonde quero ir; e para o mundo, aonde Deus ainda me quer.

Sou etc.

De v.

Paço das Necessidades, 13 de outubro de 1839.

D. HENRIQUETA CONDESSA D'OYENHAUSEN E ALMEIDA.

E agora! Havemos de nós ficar assim em branco, sem dizermos coisa alguma aos leitores sobre um assumpto que mesmo entremostrado pelo poeta nos alegrou a alma com o festivo das cores e suavidade das fragancias? revolvam-se memorias velhas; conversemos.

Subir ás origens é em qualquer estudo o primeiro impeto do animo curioso; mas d'onde, e de quando, traremos ás coroas o seu principio? Logar ou logares, tempo ou tempos, tudo esqueceu! As memorias d'esses ephemeros enfeites, murcharam, caíram, perderam-se, como elles!

Presumem historiadores, e só pelo presumirem o asseveram, terem sido simulachros de deuses os primeiros coroados; logo depois os seus pontifices e sacerdotes; depois os potentados, por andar nelles consociada a magestade pontificia com a do imperio; depois os próceres e senhores, como participes e emanados do poder soberano; depois os guerreiros victoriosos, os grandes benemeritos, os martyres, e os bemaventurados; finalmente os epicureos, os regalões, os poetas, e ainda ao presenté os grandes artistas, as noivas, e as casquilhas em geral.

A nomenclatura das coroas, a individuação de suas materias, a sua destinação, compoem só por si um estudo complicado, que de fugida acenaremos.

O primeiro coroado foi Saturno, diz Pherecydes; foi Jupiter, vencedor dos gigantes, responde Diodoro; foi Jano, acode Fabio Pictor; pois não foi senão Isis, contende um autor egypcio. Fosse quem fosse: a coroa de Saturno era de parras, ou figos novos

brancos e pretos, representativos dos dias e noites; a de Jupiter, de carvalho, loiro, ou raizes; a de Jano, de loiro; a de Isis, de espigas de trigo, por ter ella ensinado a cultivar-o; a de Juno, de ramos de marmeleiro; a de Baccho, de pampanos com seus cachos, e tambem de heras; a de Ceres, de espigas de trigo, pela mesma razão que a de Isis; a de Plutão, de cypreste; a de Mercurio, de oliveira, hera, ou amoreira; a da Fortuna, de agulhas de pinheiro; a de Apollo, Calliope e Clio, de loiro; a de Pan e Cybelle de ramos de pinho; a de Lucina, de dictamo; a de Hercules, de choupo; a de Venus, Hymeneu, e Como, de rosas e murta; a de Minerva, e das Graças, de oliveira; a de Vertumno, de feno; a de Pomona, de fructos; a dos Lares, de myrtho e alecrim; a de Flora, e das Musas da poesia lyrica, dança, e musica, de flores; as dos Rios, de caniços; a de Vesta, de raizes. Estas raizes condecoravam muito não só a Jupiter, como dissemos, mas tambem a Hercules, e aos principes divinizados; finalmente as coroas das Ninfas tutelares das arvores, se compunham das proprias galas das suas respectivas clausuras verdes.

Coroavam-se os immoladores; coroavam-se as victimas; coroavam-se os altares e as portas dos templos; até os mortos e suas casas, os tumulos e suas urnas, se coroavam. Isto pelo que toca á religião.

Pelo que pertence á milicia, houve:

Coroa Triumphal, e esta de tres graus e maneiras: a *Laurea Insigne*, de loiro sem bagas, que o triumphador levava na cabeça; a de loiro artificial, fabricada de oiro, que lhe ia impendente da mão de um official; e a terceira, de oiro tambem, decretada e enviada ao general victorioso e ausente, onde quer que as armas o detivessem.

Coroa obsidional, ou *graminea*: de relva e boninas incultas; premio de summa conta para os que desafrontavam de cercadores um arraial romano; esta offertavam-na agradecidos os descercados.

Civica: um ramo de carvalho com glandes; tocava ao que tinha salvo em conflicto a um concidadão, e morto o seu inimigo; esta, tributava-a no principio o salvado; depois arrogaram os imperadores a si a honra de a conferirem.

Mural: coroa aurea á feição de muro com suas torres; galar-doava ao soldado que primeiro investia e transpunha o muro d'uma cidade assediada.

Castrense ou *Vallar*: aurea tambem, do feitio de estacaria; remuneração do valoroso que primeiro prorompia no arraial hostile.

Naval, Rostrada ou *Classica*: aurea, imitante a esporões de navio; recompensa do que primeiro saltava d'armas em punho dentro em galé combatente e a aprezava, ou de almirante que tomava ou desbaratava frota inimiga.

Oval: de murta; para o general que não chegára a triumpho, mas conseguira ovação.

Oleaginea: de oliveira; para ganhar esta não era mister pôr o peito ás lanças, bastava ter concorrido com o conselho, ou qualquer industria bellica para se vencer.

Nas coroas aristocraticas, achamos como primitiva a *Radiada* ou *Raiada*, que tendo sido de deuses a principio, foi mutuada também para uso de imperadores romanos; era de oiro, com raios e estrelas.

Por serem já muito para áquem das antiguidades que andamos revolvendo, remettemos ao escuro as diversas coroas imperiaes de Alemanha, Russia, e França; as reaes, as de duques, de marquezes, de condes, de viscondes, e de barões, assim como o que se poderia dizer das auréolas e resplendores, que são as coroas dos santos.

Mas, detenhamo-nos aqui um breve instante: de que nasceria esta usança tão geral de se ataviar por excellencia a cabeça humana? Ao vestido, ao calçado, aos sombreiros, deram entrada os frios e as calmas, os ventos e as chuvas, as humidades e as perezas do solo, os insectos e os reptís. Depois o vestido, o calçado, e os sombreiros, rusticos, simplices, informes a principio, foram-se com o progresso das artes desenvolvendo, variando pelos conselhos da fantasia, melhorando em materia, em formas, em cores, em brilho, em graça, em distincção, em pompa, em opulencia; por modo que insensivelmente se chegou da folha de figueira do pae Adão e da mãe Eva, e da ainda menos que folha de figueira dos selvagens, até ás guarda-roupas, guarda-joias e toucadores, que devoram num anno de uma só familia o que poderia manter a cem familias modestas por todo um seculo. É a lei do progresso. A satisfação de uma necessidade real, conduziu por passos contados a necessidades novas; e o cumprimento d'estas, logicamente deduzidas, effloresceu afinal na magnificencia, que é innegavelmente um bem, ainda que muitos males parciaes entrem como ingredientes na sua composição. É assim que o palacio mais alteroso descende por linha recta da choça de penedos e feno, e esta da arvore óca ou da caverna; e é assim também que a ascendencia de S. Pedro de Roma vai parar num idolo toscó em cima de alguma leiva.

A que precisão natural havemos porém de attribuir as coroas,

que nem preservaram jámais das intemperies, como o barrete e o chapeo, nem dos golpes na cabeça, como os capacetes dos antigos, e as chapas metallicas das barretinas modernas? solução historica plausivel ao quesito não a atinamos; consultemos a fantasia.

É a cabeça admiravel cidadella do nosso corpo; na cabeça nos enthesoiron a natureza as faculdades com que dominamos todas as suas outras creaturas, abrangemos os tempos, calculamos, influimos o futuro, e nos mostramos imagens e vice-gerentes do Creador. Na cabeça moram os sentidos, atalaias e ministros sempre áperta d'essas mesmas faculdades; para o mesmo foco lá dentro concorrem de todas as partes as moções geradoras de todas as idéas; as idéas ali se elaboram, se combinam, se modificam, se formulam em pensamentos e vontades, que o mesmo corpo, escravo intelligente e prompto, não tardará a converter em obras. A cabeça é o capitolio com o seu senado omnipotente; tão senado e tão capitolio, que até os reis e os deuses são ali feitos e desfeitos, julgados e sentenciados.

Espherica á feição do mundo, que nella parece photographar-se e resumir-se, a cabeça merecia realmente a predilecção com que o Supremo Artifice se comprouve de a enriquecer tambem por fóra, não só com o mais esmerado da formosura, mas com a expressão, já sonora, já muda, mas sempre clara e eloquenté, dos sentimentos, dos affectos, das alegrias, das tristezas, do abatimento, e do enthusiasmo; a phisionomia e a voz são as duas metades da linguagem, a linguagem faz apparecer a subitas em scena o homem intimo. O ignorante, como o sabio, sente, sabe por instincto que tudo isto, e muito mais, é a cabeça; nas incertezas embaraçosas bate na fronte, como para acordar a alma; para testemunhar veneração, descobre-a e inclina-a; desprezo, ergue-a e engrandece-se; dúvida, ou negação, mencia-a como a sacudir a idéa que lhe despraz; quem se purpura com o pejo? as faces; quem sorri á belléza? os labios; quem chora na afflicção, e na ternura? os olhos; qual é a moeda aurea para o commercio do amor materno, paterno, filial, fraternal, e conjugal? o beijo. Diante do espelho, ao lançar-lhe o ultimo olhar para se partir para o baile, a mulher carregada de sedas, rendas e joias, nada considera com tanta complacencia como o seu proprio semblante, a parte nobilissima do seu todo, a que a arte nada teve que ajuntar, e nada ousou encobrir. Que havia pois mais congenito a esta consciencia universal, da importancia da cabeça, que a idéa espontanea, instinctiva, e tambem universal, de a ennobrecer ainda, se possivel fosse, e de a

tornar mais querida e mais veneravel aos circumstantes? só faltava achar o como; não parecia facil. Mas a natureza lá estava para inspirar: o ceo nocturno tinha coroas de estrellas; as estrellas, coroas de raios; o globo, coroa de constellações; a aurora, coroa de rosas ethereas; o sol, coroa de resplendores; os montes, coroas de selvas; o mar, coroa de aréas e conchas; as vagas, coroas de espumas prateadas; as fontes, coroas de limos e canaviaes; as arvores, coroas de verdura; as flores, coroas de petalas; os fructos, coroas de folhas; muitas das mais bellas aves, coroas de pennas, e a mesma cabeça humana já tambem tinha coroa nativa de madeixas de ebano, de oiro, ou de prata que não é menos coroa. Pois então acudam as plantas tributarias com suas ramas e matizes a sobrecoroar esta coroa primitiva; acuda o rei dos metaes, receba formas emblematicas, saiam do oceano as perolas e os coraes, das minas as pedrarias scintillantes, dos passaros as melhores pennas para se imporem diadema ao Rei da creação, e á Rainha d'esse mesmo Rei, o qual nada vira superior a si, se a não visse a ella. Se as coroas da primeira, da segunda, e da terceira especie, as dos deuses, ou homens divinizados, as dos heroes, e as dos magnates, se trançaram e fundiram para requintar venerações, não tardou em apparecer quarta e ultima especie de coroas inventadas pelas Graças, acceitas pelos Prazeres, os Jocos e os Risos, adoptadas por Como, Baccho, e Pomona, por Venus, pelo Amor, e pelas Musas; são estas coroas conviviaes, as mais ephemeras, mas as mais deliciosas de todas as coroas.

Tornou-se o convivio da mesa na christandade, e assim permaneceu por seculos, um acto serio, com o seu quid religioso. Entrava-se a elle orando. O pae de familias, presidente, benzia com o signal da cruz os primeiros manjares; ao levantar, davam-se graças; durando a refeição, não se recusava esmola e comida ao mendigo; maledicencia e provocações a rixas, eram estranhadas e banidas; emsumma, dizia-se o altar da mesa, e como tal se respeitava. Acudia á memoria dos lidos na Biblia a seia Paschal, e á dos eruditos profanos os banquetes de Vacuna e das Caristias.

Já porém não tinham sido assim os avós idolatras d'estes nossos avós, a quem nós hoje em dia pouco tambem nos assemelhamos. Pagãos repassados de athicismo no gosto e nos costumes, faziam da sala de mesa um templo de festa voluptuosa. Ao mesmo tempo que para o regalo do paladar contribuiam com tudo que de melhor creavam as terras proximas e remotas, o ar, os rios, os lagos e os mares; a musica, a leitura dos poetas, as

danças, as representações e os jogos, tinham a seu cargo variar sainetes nos intervallos do repasto.¹ D'entre os commensaes se elegia por aclamação, ou se tirava á sorte, o rei do vinho, regulador e arbitro da ordem e quantidade dos brindes, que se exauriam por taças artisticamente lavradas, não descabidas em seias pontificaes, ou sacrificios aos Deuses Maximos. As mesas, aguentadas em pés esculpidos com primor, embutidas de tartaruga, de marfim, e de oiro, alcatifayam-se, como o pavimento, de folhas de rosas chovidas dos tectos arthezoados. Em camilhas estofadas se reclinavam os convidados a tres e tres depois de lavados, perfumados com essencias, vestidos em roupas elegantes, e calçados de novo, tudo da guarda-roupa do Amphitrião. Aqui, uma formosa meião caída e recostada sobre o seu cochim alto, quasi tinha a cabeça no peito do seu visinho da esquerda; ali, era um mancebo que achegava ufano a sua ao seio de uma visinha, nem sempre indifferente; todas estas cabeças eram poetisadas por coroas, qual a qual mais cheirosa e mais garrida, chegando ás vezes o requinte do goso a virem escravas engrinaldar-lhes tambem os pés.

Porque se coroavam aquellas fronte? Seria só para que á luz dos alterosos candelabros de bronze em que ardiam os oleos mais fragrantés, se disfructasse o aspecto d'um jardim vivente, e movediço, um quadro campestre de Ninfas e Sylvanos, no centro mesmo dos mais urbanos faustos? Seria; mas não era só isso: tinha-se que as fontes da cabeça comprimidas, tolhiam ao fumo dos vinhos o treparem; e a certas flores, em particular ás rosas, se attribuia a virtude de preservar da embriaguez.

Se bem que as familias meãs, e as dos artifices, não podiam certamente aspirar a estes refinamentos dispendiosos, profusos deviam elles ser não obstante, á vista das riquezas, de todas as partes do mundo accumuladas em Roma pela conquista.

Para florirmos esta prosa, recordemos aqui o que o nosso poeta nos disse no livro v no seu longo colloquio com a propria deusa Flora.

Tentava perguntar-lhe o porque havia
tão lasciva soltura em suas festas;
porque eram jogos seus mais livres que outros.
Mas acudiu-me logo ao pensamento
ser deusa jovial, e cujos mimos

¹ Pode-se ver Tito Livio liv. xxxix cap. vi. Petronio na seia de Trimalcião, Horacio e os elegiacos a cada passo.

co'o prazer, co'as delicias se entrelaçam.
 Florente c'roa nos guarnece as frontes;
 a mesa do festim tapetam rosas;
 ebrio conviva, com listões de tilia
 presa a grinalda, que lhe aperta as comas,
 dança, tendo por mestre o proprio Baccho.
 Ebrio tambem lá canta o namorado
 á surda porta da formosa amante;
 essencias nos cabellos lhe reluzem;
 floreo diadema os cinge. Assumptos serios
 não nos tratam florigeras cabeças;
 nem cabeças florigeras se abaixam
 a tragar agua chilra. Em quanto os homens
 beberam do Achelóo, e não tiveram
 para o desinercuar purpureos mostos
 & de que servia a rosa? O deus das uvas
 ama as flores; se as c'roas lhe são gratas,
 que o diga aos olhos de Ariadne o signo.

Toda a especie de flores eervas aromaticas se podia empregar na contextura das grinaldas conviviaes, excluido só o aipo, como volado que era aos defuntos, e por tanto de ruim agoiro. No tempo das rosas tinham ellas, e com razão, a primazia; a rosa fôra proclamada por Sapho a rainha das flores.

A coroa de flores naturaes trançadas umas com outras, chamava-se *pactilis*, *plexilis* ou *plexilis*. Quando as flores eram truncadas dos respectivos pés, e cosidas em embrechado numa tira de fazenda, tinha a coroa o nome de *sútil*; *sútil* era a coroa dos Salios, que primeiramente fôra variêgada, e depois se reduziu a rosas estremes, não inteiriças, como as dava o rosal, se não escolhidas as pétalas mais perfectas, e cosidas delicadamente, que parecessem flores vivas, e das mais bem creadas.

D'estas duas especies de coroas vegetaes, *pactilis* e *sútilis*, se guarnecia, alem da cabeça, o pescoço tambem, ficando pendentas as extremidades, pelo que então se diziam *coroas longas*. Ainda os ramaes de contas das beatas lembram aquelle estilo, até pelos seus nomes de *coroa* e *rosario*, que vale tanto como *rosal*.

Quem attentar no amplo uso que se fazia de coroas vegetativas, não só nos brodios lautos, mas nas portas das casas em que se festejava recém-nascido, nos jogos publicos como premio, nos sacrificios, nas pyras funebres, nas oblações aos finados, na passagem dos triumphos, nos presentes namorados, e em oblatas aos umbraes das queridas, não se admirará de saber que pelos arredores de Roma era curiosidade lucrativa e frequente dos fazendeiros a jardinação de flores para capellas.

Cabe ainda reflectir em que o immenso uso que se fazia de aromas devia consumir quantidade espantosa de flores finas. A cidade de Cápua na Campania consta que tinha um bairro Seplesia cheio de logeas de cosmeticos e perfumarias; pois bem; Cápua, a deliciosa, que tanto enervou aos cartiaginezes de Aníbal, não era nesse tempo mais voluptuosa nem mais Cápua do que depois o saiu Roma sob os imperadores.

Catóo, o mestre da agricultura, citado por Plinio no livro XXI, capitulo I, recommendava aos hortelões semear flores coronarias das mais mimosas.

O naturalista no capitulo X do mesmo livro, se detem a dar regras para se haverem de optima qualidade estas variadas filhas da primavera, destinadas a expirarem no meio das alegrias dos homens.

Columella, elegante agronomo, cuja prosa e cuja poesia lembram ainda o recémfindo seculo de Augusto, persuadia no seu livro X a criação de boas flores para as grinaldas; oiçamol-o logo apoz a sua tão aprazível descripção da amena e florida primavera italiana :

Camponios, que ceifaes co'os dedos rusticos
de Flora os tenros dons; colmem-se os candidos
vimínios cestos co'os jacinthos cêrulos;
feixes de rosas o apertado vinculo
do junco estoirem; bem-me-queres aureos
façam impar os canastreis mais tímidos.
Presto presto! Vertumno as floreas dadas
já vos aguarda em seu mercado esplendido;
correi, correi, que a veniága é prospera!
ao volverdes, de Roma, oh que delicia
ver-vos vir bordejando a passos tremulos
o dorso alliviado, a mente jubilos
(mercê do amigo Baccho) e a sempre estitica
bolsa aldeã, com bellos cobres turgida!

O mercado das flores, adjacencia do templo de Vertumno, ficava provavelmente na descida do Aventino para o Tibre; e, ou era nessa praça mesma, ou em alguma das ruas convisinhas, que deviam ter suas logeas os artifices de coroas mencionados com louvor pelo nosso poeta.

E depois tambem, como

em tanta antiguidade não ha certeza,

bem póde ser que em lugar de trançantes de flores, os versos que

pretendemos commentar, e de que se esquivou a Musa que a principio invocáramos, se referissem antes a ourives de coroas de prata, oiro, e gemmas, ou porventura a bordadoras de outras grinaldas artificiaes.

Segundo Plinio, a tão exquisita delicadeza tinham chegado estas coisas no seu tempo, que da India ou d'alem da India vi-nham coroas de sedas de cores, e perfumadas; não querendo já então as damas servir-se de outras.

A invenção das flores artificiaes na Europa teve, segundo o mesmo autor, uma tão poetica origem, que nenhuma lhe poderia inventar mais acertada um poeta amante sonhando entre murtas numa sésta de verão nas margens do Illyso ou do Peneu.

Venus e o Amor crearam sem duvida muitas artes; na estimativa de Ovidio crearam todas; bem lh'o ouvistes:

Venus, Venus á sordida bruteza
do primevo existir subtrae os homens,
inspira-lhes o aceio, o alinho, as artes.

Por ella a poesia entrou no mundo;
diz-se, que ante os umbraes inexoraveis
de uma esquiva beldade, á luz d'estrellas,
e ouvido apenas das nocturnas auras,
foi primeiro cantor magoado amante;
quando tudo dormia, amor velava;
e, para obter mercê, tecia coroas
de flores novas que aljofrava o pranto.

Da ancia d'exorar desdens de isentas,
o discreto fallar brotou não menos;
¿carecer d'eloquencia poderia,
quem de seu coração tratava os pleitos?

Artes gentis, que abrilhantaes a terra
delicias do viver, não sem motivo
se diz que a mãe d'Amor ha sido a vossa;

quiz-se agradar, crearam-se os prodigios.

É com effeito ao Amor que se refere (suppositicia ou historicamente) a invenção de duas artes lindissimas e mui semelhantes entre si: a arte do retratista, e a do floreiro.

Em eras tão antigas que ainda a pintura não era nascida, vivia, fosse onde fosse, diz a lenda, uma namorada das mais finas. Atormentava-a a sua má fortuna com frequentes e longas ausen-

cias forçadas do seu querido; fechava então os olhos para o ver, e para o ver ainda melhor se adormecia.

Uma rapariga, e então alvoroçada no interior, não pode dormir sempre, nem estar sempre de olhos cerrados; mas também como tel-os abertos quando não tinha para lhes dar o suave pasto de que elles necessitavam? era forçoso acudir áquella mingua; soccorreu-se aos deuses com orações; supplicou-lhes prodigio com que o seu ausente se tornasse presente.

Alguns potencia compassiva lhe acudiu com uma inspiração (havia de ser o Amor). Tudo quanto pertencia ao mancebo caro lhe era caro; até a sua sombra. Se ao menos a sombra lhe podesse ficar ali quando elle se retirasse! Experimentemos, diz ella, e logo a mão candida bosqueja com um carvão na parede alva os contornos da figura esbelta do mancebo, que está sorrindo desvanecido de ver como é idolatrado, mas que ainda não adivinha o que nessas linhas magicas se contém de futuras maravilhas; partiu. A solitaria já pôde esperar sentada defronte do espectro mudo que o talento do seu amor evocou do nada; passa as horas a contemplal-o, emprestando-lhe por um esforço da fantasia as formas interiores que lhe fallecem, as cores, a vida, o movimento, a voz, e a ternura, a ternura que ella tem de sobejo para repartir.

Illum absens absentem auditque videtque;

Ausente ao seu ausente está ouvindo e vendo.

Esta visão estatica trouxe nova inspiração; pediu aos succos das hervas e das flores, ás argilas desfeitas em agua, talvez até a alguma gota do sangue de suas veias, com que fixar dentro no contorno vasio, a fronte, os cabellos, os olhos, as faces, os labios, tudo, até o traje. Quando voltou o amante, houve de recuar diante d'aquelle homem inesperado, d'aquelle intruso nos penates das suas affeições! mas, recaindo logo em si, reconheceu a propria imagem que já no espelho nativo das aguas haveria considerado; sorriu complacente, ora para si mesmo, ora para a feiteceira que o duplicara, e, graças a cujo artificio, ninguem já poderia apartal-o do seu thesoiro; tal foi o primeiro retrato.

O progresso das artes havia de percorrer interminavel caminho para chegar, de tentativa em tentativa, de achado em achado, desde esse filho inculto do amor e da saudade, até ás effigies instantaneas debuxadas em nossos dias com a mais impecavel exacção, sem pincel nem tintas, pelo pintor dos pintores, pelo

sol, só hoje verdadeiramente rei das artes. Mas quem pudesse ainda assim mostrar-nos hoje aquella branca parede de choupana! Como se não apontaria com enlevo para a expressão de vida que a pobre rustica, mestra de si mesma, segunda mãe e immortalisadora do seu querido, infallivelmente havia de ter impresso numa effigie que os seus olhos estudavam de continuo, e a sua mão de continuo retocava para poder ser rebeijada a cada momento!

Agora os retratos das flores:

Aqui estou eu mui contente de poder introduzir á vossa presença o mais curioso de todos os noticiadores do mundo velho, e fazer com que vos conte elle mesmo o que lhe consta no assumpto. Ora escutae-o com attenção, que é nada menos que o nosso velho Plinio, o delicioso Buffon das idades preteritas ¹:

«Fôra a principio costume, falla elle, coroarem-se os vencedores nos certames sacros com ramos de arvores. Depois é que se começaram as coroas a variegar com matiz de flores; no que lucraram, sobre maior formosura, o realce das fragrancias; invenção esta oriunda de Sicyone, e filha do engenho do pintor Pausias e da ramalheteira Glycera, por quem elle se morria de amores. Representava Pausias na sua pintura as coroas que ella engenrava; ella, á competencia de qual poderia mais, fantasiava outras e outras, de continuo, sempre diversas; andavam a arte e a natureza em desafio. Ainda hoje em dia se conservam os quadros d'esse artista, e nomeadamente um, que chamam Stephaneploços, no qual a retratou a ella em pessoa. Foi isto para cá da centessima Olympiada.»

Que pena é que esses paineis de Pausias, e esses floridos diademas da sua Glycera, com dona e tudo, quaes o naturalista ainda teve a fortuna de os contemplar, não podessem resistir á voracidade dos annos, e chegar até nós!

Por aqui acaba o que a nossa erborisação litteraria no campo da antiguidade nos deparou de mais alguma valia, ainda que futil, para a historia das coroas.

Se das flores artificiaes noutras terras e em tempos mais achegados houvessemos de fazer historia, interminavel escriptura seria, sobre impertinente.

A ephemera duração d'estas filhas da primavera, tão amigas, e socias, e confidentes, e incitadoras dos prazeres, que desabrocham, riem e passam com elles, por força que esteve sempre aconselhando aos espiritos voluptuosos, artisticos, poeticos, na-

¹ *Hist. Nat.* liv. xxi, cap. iii.

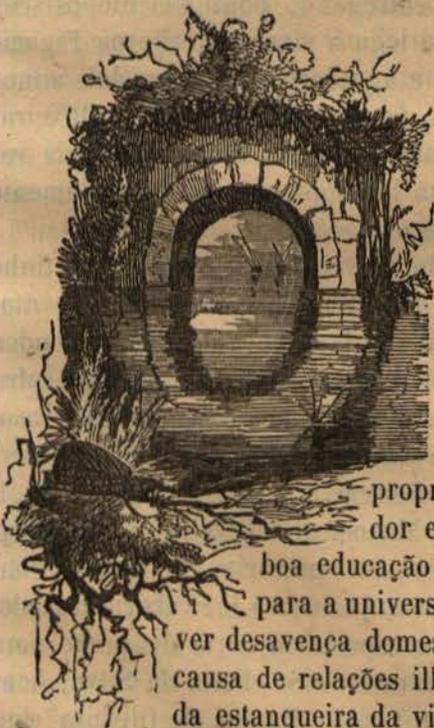
morados, e feminis, que apurassem todo o seu engenho para as perpetuarem em effigie, a fim de as terem ainda presentes quando ellas já não fossem; por isso a arte floreira nos apparece cultivada, e crescendo, e melhorando-se de anno para anno, e de dia para dia, não só nos conventos de religiosas de Italia, em França, em Inglaterra, em Alemanha, em Portugal, na Madeira, nos Açores, no Brazil, mas na India, e na China, e até entre selvagens americanos.

A arte do florista, auxiliada pela chymica, pela historia natural, pela mechanica, pela riqueza, pelo gosto, e pela moda, ascendeu emfim a tal fastigio, que a natureza vencida parece haver-lhe posto o seu *non plus ultra* no monumento do rei dos floristas, Constantino, Constantino o portuguez.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

A ERMIDA DE CASTROMINO

XIV



cliente do respeitavel doutor de Hamburgo era o Sr. Salvador Lopes de Souza que na idade de vinte annos partira para Angola donde se transportára ao Rio de Janeiro já com abundantes capitaes. Aqui se lhe mostrou tão amiga a fortuna que em poucos annos veio a ser o principal capitalista do Imperio, e um dos homens mais notaveis da colonia portugueza na capital do Brazil.

Salvador Lopes era filho de um proprietario e bacharel em direito, morador em Cantanhede o qual déra ao filho boa educação até ao tempo em que devia entrar para a universidade. N'essa época começou a haver desavença domestica entre os paes de Salvador por causa de relações illegitimas do marido com uma linda estaqueira da villa. D'ahi resultou a separação dos dois conjuges a qual poz em grande penuria a mãe do joven estudante.

Nas demandas entre os paes gastou-se o dinheiro que devia empre-

gar-se na formatura do rapaz, e o pae de Salvador vendo que o filho estava sempre em casa da mãe, e que na seriedade prematura do aspecto parecia trazer estampada a reprovação silenciosa do procedimento paterno principiou a tratá-lo com desabrimto e a dizer-lhe que bem podia procurar modo de vida porque elle estava arruinado e não podia dar-lhe coiza alguma.

Foi então que Salvador Lopes se resolveu a ir para a Figueira na esperança de entrar em algum escriptorio de commercio, e quiz o acaso que um domingo ao sair da missa encontrasse Manoel de Oliveira que ainda ali residia. O negociante conhecia a mãe do rapaz, sabia quão virtuosa era, e de que magoas vivia atribulada. Também tinha ouvido fallar com elogio das qualidades e boa indole do mancebo, e talvez com intenção de ajudá-lo perguntou-lhe o que estava fazendo na Figueira.

Salvador sem narrar as fraquezas do pae nem as amarguras da mãe respondeu que não podendo formar-se por causa das demandas que andavam entre seus paes, viera tratar de obter o lugar de caixeiro em alguma caza de negocio. No dia seguinte sob recommendação de Manoel de Oliveira entrou no escriptorio de um inglez.

Ali se conservou durante dois annos cumprindo com grande zelo e intelligencia as suas obrigações, e entregando pontualmente os seus ordenados á mãe que convidára desde logo a viver com elle na Figueira. Era rapaz mui sizudo, modesto e agradecido. N'esses dois annos não passou domingo em que elle não fosse visitar Manoel de Oliveira, não só por ser o dia em que lhe restavam horas livres, mas pela recordação de que em outro semelhante lhe apparecêra inesperadamente a fortuna da sua collocação e emprego.

Em uma d'essas visitas Manoel de Oliveira perguntou-lhe se tinha recio de fazer uma viagem á costa de Africa da qual colhesse vantagens que melhorassem a situação da sua familia. Salvador respondeu que estava prompto, se o seu patrão pudesse encontrar quem o substituisse, e certificado de que o Oliveira já tinha prevenido este caso, annuiu á proposta e partiu em um brigue carregado de vinhos da Bairrada, que devia vender em Loanda, Benguella e Mossamedes.

Se falhasse a tentativa com que Manoel de Oliveira queria abrir novos mercados aos vinhos da Beira Alta, passaria ao Brazil a concluir ali a venda do carregamento de cujos lucros lhe caberia metade. Acompanhava estas instrucções uma especie de carta de prego para ser aberta em S. Paulo de Loanda deante do Sr. Felix da Silva, honrado negociante de Angola a quem até então Manoel de Oliveira consignára o azeite que mandava para a costa de Africa. Entretanto ficava por conta do negociante da Figueira a sustentação decente da mãe de Salvador.

A pobre senhora despediu-se do filho forcejando por conter as lagrimas para lhe não diminuir a coragem necessaria em tão cruel separação, porém tanto se magoou com a ausencia do seu querido Salvador que apezar dos disvellos de Oliveira e da sua familia em cuja caza passava o dia inteiro, foi enfraquecendo gradualmente até que se finou de saudades legando ao filho o seu ultimo pensamento de ternura maternal e á familia Oliveira o derradeiro testemunho de agradecimento depois do qual se lhe esfriou para sempre o coração.

Fôra prospera a viagem de Salvador. Respeitaram-o os aguaceiros no mar de Serra Leca, e dobrado o cabo de Palmas foram de curta duração as calmarias tão frequentes no golpho de Guiné. Ao cabo de 58 dias avistou o morro das Lagostas e na manhã seguinte passando defronte da fortaleza de Penedo foi deitar ferro junto da ilha fronteira á cidade de Loanda, n'aquella magnifica bahia cuja navegação vão progressivamente impedindo as areas em estreita alliança com a nossa descuidoza e habitual preguiça.

Felix da Silva veio a bordo com a visita da Alfandega e ali immediatamente na camara do navio se abriu a carta de que ambos deviam inteirar-se. N'ella aconselhava Manoel de Oliveira a Salvador Lopes que se estabelecesse em Loanda, onde em poucos annos podia adquirir riqueza sufficiente para assegurar a tranquillidade da velhice de sua mãe, o que não era tão facil na Europa.

Recomendava-lhe que continuasse a ser sobrio como até então sempre fôra, e affirmava-lhe com razão que esta qualidade applicada a todos os actos da vida o livraria das enfermidades climaticas ou lhe conservaria as forças para lhes resistir. «Em qualquer caso, se não for feliz» accrescentava Manoel de Oliveira, «eu cá estou para o receber em minha caza e para amparar sua mãe.»

N'este ponto da carta saltaram dos olhos de Salvador lagrimas sinceras de gratidão e de saudade filial, e Felix da Silva fez uma exclamação em honra dos nobres sentimentos do negociante da Figueira, com enthusiasmo sincero e leal. N'aquellas terras africanas onde a cubiça e outros vicios ainda peiores tão soltos e desenfreados teem andado desde que entramos n'ellas, tambem se encontram exemplos de generosidade e de desinteresse que são mui raros na Europa, e por isso não falta quem os estime e aprecie.

«Se acceitar esta proposta, que lhe não fiz aqui para não ffligir sua mãe com a idéa de mais dilatada ausencia,» dizia Manoel de Oliveira no resto da carta, «dou-lhe a credito o carregamento do navio, e os fundos que o Sr. Felix da Silva tiver apurado, ou apurar do azeite anteriormente remettido. Pagar-me-ha quando a fortuna o favorecer, mas além d'esse pequeno capital, a caza que vae estabelecer em Loanda e que é unicamente sua, fica tendo credito illimitado na mi-

«nha. e no meu correspondente Cosme Soares do Rio de Janeiro a quem aviso. O seu antigo patrão tambem está disposto a ajudal-o, se «for necessario.»

Felix da Silva tinha reunido uma boa somma e deviam-lhe por conta de Manoel de Oliveira uns dez ou doze contos. Estes capitaes eram sufficientes para o novo estabelecimento de Salvador Lopes. porém elle não resolveu logo acceitar a proposta de tão generoso protector. Tratou de vender parte do carregamento na cidade, e foi com o resto a Novo Redondo e aos outros portos do sul.

Na volta d'esta viagem costeira que durou tres mezes veio encontrar em Loanda cartas da Figueira e n'ellas a triste noticia da morte de sua mãe. Desprendido então da Europa, decidiu acceitar o magnanimo offerecimento de Manoel de Oliveira, e fundar em Angola uma casa commercial, cujos fundos robustecidos pelos creditos abertos em Portugal e no Brazil a collocavam em posição vantajosa e superior á das outras casas de Loanda.

Foi-lhe mais propicia a fortuna do que o clima. Apesar de vencer algumas febres climaticas que o atacaram, começou a padecer do fígado, e os facultativos aconselhavam-lhe unanimemente que deixasse quanto antes a costa de Africa. Embarcou então para o Rio de Janeiro tendo já pago integralmente a Manoel de Oliveira, e estabelecido mezada conveniente a seu pae, cujos bens haviam sido sacrificados ás exigencias, e caprichos da manceba, que a final o abandonou na pobreza como os pares de Inglaterra fizeram por igual motivo ao duque de Bedford no reinado de Eduardo IV. Tão triste coisa é ser pobre que nem damas nem fidalgos querem para amigo quem de tal lepra anda eivado! Até dizem que os proprios cães aggoiram o desgraçado e lhe mordem sem que os açulem!

Salvador nunca escrevêra ao pae. A casa de Oliveira dava-lhe por ordem do filho a mezada que foi augmentando á proporção da riqueza de quem a mandava. Ultimamente era de 300 mil réis mensaes.

No Brazil Salvador Lopes veio a ser millionario. Orçavam a sua extraordinaria fortuna em quatro mil contos. Porém a enfermidade que trouxera das praias africanas, aggravou-se e renovaram-se-lhe uns symptomas de lesão no coração que já antes de partir da Europa se tinham manifestado. Os medicos instavam com elle para que voltasse ao nosso continente.

O doente não lhes dava ouvidos. Mortificava-o a necessidade de mudar de clima, e de andar a fugir da morte que a final sempre havia de alcançal-o, por mais que se affastasse d'ella. E no fim de tudo não se julgava tão achacado como os facultivos pareciam indicar.

Era agil e vigoroso. Habitado a exercicio moderado mas constante, ora a pé, ora a cavallo, só nas occasiões em que a molestia o aper-

tava com maior violencia, é que renunciava a essas distracções hygienicas, e como seguia sempre os habitos de sobriedade a que se acostumára na Europa, oppunha á enfermidade o obstaculo constante do bom regimen com o qual as pessoas menos sadias conseguem prolongar a existencia, zombando dos vaticinios dos doutores.

Todavia repetiam com maior frequencia e intensidade os ataques de figado, e tão forte fôra o último que os medicos ordenaram ainda na convalescença que partisse logo para a Europa. Sahiu com effeito para Londres sem annunciar a sua vinda. Ali soube da quebra de Bergenstein e deu providencias para que todas as letras fossem pagas. Calculando que a fallencia de Smith e Davis augmentaria as difficuldades da caza Oliveira & C.^a, embarcou para Hamburgo no intuito de examinar se as suas ordens tinham sido fielmente executadas.

Era essencial n'esta conjunctura que os pagamentos fossem feitos em nome da casa de Coimbra, porque esta circumstancia comparada com a enormidade das perdas, elevaria muito o credito do seu amigo e protector, e poria á disposição de Oliveira a praça de Hamburgo e de Londres. E assim aconteceu.

Descance o leitor de tão longinquas viagens por climas tão ignorados e por entre tão estranhas gentes, como dizia o nosso Garrett, que ainda temos que subir pelo Rheno até Moguncia e d'ali percorrer uma boa parte do continente europeu desde a patria de Guttemberg até ao nosso risonho e abençoado Mondego.

XV

Agora que o vapor do Rheno passou Coblentz, saudou Stolzenfels, mostrou Bornhofen, roçou na baze das collinas de Johannisberg, e deixando á esquerda os banhos de Wiesbaden, e o palacio de Biebrich, aportou na margem opposta a Moguncia, desembarquemos com Salvador Lopes no caes fronteiro á patria de Guttemberg.

Desejaria talvez o leitor curioso de viagens que eu parasse no sitio em que o Mosela entra no Rheno para lhe contar a historia de Coblentz pelo menos desde o celebre itinerario de Antonino: gostaria por ventura de ouvir narrar as desastrosas alternativas que trouxeram da mão dos Arcebispos Eleitores de Tréves ao poder do actual rei da Prussia, o elegante castello feudal de Stolzenfels; ser-lhe-hia por certo agradavel saber a historia dos irmãos rivaes que não esquece aos *ciceroni*, quando avistam Bornhofen; folgaria sem duvida com a noticia exacta do que produzem as vinhas de Johannisberg ao joven principe de Metternich, e não desdenharia de algumas paginas em que minuciosamente se tratasse dos banhos de Wiesbaden, e da residencia de Biebrich, onde a familia ducal de Nassau costuma passar o verão.

Tenha paciencia o leitor que nem de Moguncia lhe fallo. Virá um dia, e não tardará muito, em que lhe pedirei que me acompanhe desde Lisboa até S. Paulo de Loanda, e que de lá regressando comigo á Europa, me siga pelas terras britannicas, por França, por Hespanha, por Allemanha, pela Suissa e talvez mesmo pela Italia. Então nos detere-mos defronte de cada monumento, mencionando-os, descrevendo-os, e estudando as lendas que lhes respeitam. Não o devo fazer agora por que teria de me desviar d'esta veridica narração contra o meu propo-sito e sem vantagem para o leitor que em qualquer guia de viajante encontrará extensamente o que eu lhe poderia offerecer aqui em qua-dro mui resumido.

Ha romances nos quaes principalmente se esmera o escriptor em descrever uma região, as suas riquezas naturaes, as obras devidas á mão do homem, os costumes e as tradiccões, e tudo quanto pôde ins-truir os curiosos ou servir de grata recordação aos eruditos. São livros de incontestavel utilidade e de grande gloria litteraria, mas já não foi delineada para tão ambiciosa empenho a singela historia que descui-dadamente vou contando.

Salvador Lopes partiu logo para Francforte donde immediatamente seguiu para Strasburgo. Demorou-se um dia no caminho para visitar as ruinas do celebre palacio de Heidelberg, cuja fundação data do se-culo quatorze. Ali tiveram cõrte quasi real os Condes Palatinos do Rheno até o anno de 1720 em que foram residir em Manheim, e ali talvez nasceu uma rainha de Portugal a segunda esposa de El-Rei D. Pedro II.

Resistira o castello feudal de Rodolpho á guerra dos trinta annos, e ao furor insano com que as tropas de Luiz XIV assolaram o Palati-nado desde 1689 até 1697, mas teve de ceder á colera celeste em 1764. No dia de S. João á hora em que se hia mobilar de novo a habitação sumptuosa dos Condes Palatinos, um raio desmoronou a melhor parte do edificio, que mesmo derrocado ainda olha com sobranceria para o pacifico Neckar que lhe corre aos pés.

Não destruiu o trafico commercial em Salvador Lopes as recorda-ções dos estudos que cultivára nos primeiros annos, antes lhe forne-cera mais tarde os meios necessarios para aviva-las, e para se entre-gar mais livremente ás leituras historicas e artisticas a que era natu-ralmente inclinado. Salvador possuia o que os francezes chamam *sen-timento do bello*.

Creado nos famosos campos de Coimbra, berço mimoso de lindissi-mas flores, e acostumado a contemplar a natureza nas opulentas ma-nifestações em que floresce nas regiões dos tropicos, tencionára estudar com grande esmero durante a viagem os quadros naturaes da Europa talvez para confirmar a opinião injustamente parcial com que os pre-

feria aos de Africa e da America. Obstaram á execução d'este designio artistico os negocios de Manoel de Oliveira a que especialmente se consagrara desde o seu desembarque em Inglaterra.

Urgia a necessidade de ir sustentar em Portugal o credito do velho negociante, e já Salvador Lopes sacrificara a esse intuito muitas tentações anteriores, porém não pôde resistir á que o tomou em Heidelberg. Se o leitor soubesse como aquellas ruinas encantadoras enamoram o viajante, daria por mui justificada a demora de vinte e quatro horas que Salvador Lopes passou ali, hospede do insigne conservador Carlos de Graimberg para quem obtivera em Francforte uma carta de recommendação.

Não ficou recanto do castello que não examinasse desde a torre demolida pelo fogo ceeste até á adéga onde se mostra o famoso tonel do Conde Palatino Carlos Theodoro, vasilha monstro que aloja o liquido de duzentas e trinta e seis mil garrafas. Apesar das advertencias amigaveis do senhor de Graimberg, Salvador Lopes entrou na parte arruinada do edificio e deixou atrevida pégada onde não ousara desde longo tempo aventurar-se nenhum viajante, nem mesmo os praticos d'aquellas ruinas.

No dia seguinte continuou viagem e de Strasburgo a Paris nem as recordações da paz de 1801, nem as da morte de Carlos o Temerario, nem a fama do vinho de Champagne e das suas celebres adégas, nem finalmente o grande nome de Bossuet, o obrigaram a parar em Luneville, Nancy, Epernay ou em Meaux. Tambem não ficou muitos dias em Paris. Requer larga detença o estudo da capital franceza. Só a estima quem a conhece, e para conhecê-la é mister trato intimo e duradoiro.

Muita gente vem a Paris, frequenta os theatros, vae passear ao Bosque de Bolonha, dá quatro voltas nos Campos Elysios, entra no Circo, apparece em Mabilie e no Chateau des Fleurs, e regressa ao paiz natal gabando-se de saber de cor os segredos e mysterios da Babylonia franceza. Coitados!

É certo que nem estes, nem os que mais profundamente estudaram a sociedade franceza nas suas variadissimas e curiosas transformações dizem a Paris o ultimo adeus senão dos umbraes da Eternidade. Todos saem com intenção firme de voltar. Assim aconteceu a Salvador Lopes. Passou rapidamente, mas protestou regressar em breve e com demora de muitos mezes.

Em Madrid gastou dois dias, demorou-se em Elvas cinco por ter adoecido com o cansaço da jornada em deligencia de Bayona a Badajoz, e tendo repoisado quarenta e oito horas em Lisboa, poz-se a caminho para Coimbra, onde pelos periodicos do Rio de Janeiro e por aviso d'elle proprio era já sabida a sua recente partida do Brazil, e esperava-se que chegasse proximamente ás margens do Mondego.

Certificára-se em Lisboa de que a caza Oliveira & C.^a sustentava o antigo crédito, e que a pontualidade dos pagamentos, e a continuação das transações haviam desmentido plenamente os boatos espalhados pelos adversarios do bom velho na occasião das fallencias de Hamburgo e de Londres.

Dos deputados de Coimbra alcançou noticias de seu pae. Gosava saude vigorosa apesar de contar perto de setenta annos. Já não tinha amores em Cantanhede, nem pensava em semelhantes demasias. Com a idade avançada viera a frequentar com devoção os exercicios religiosos e a ser grande amigo do clero e da Egreja, em cujo proveito cedia parte da mezada de trezentos mil réis que por ordem de Salvador Lopes lhe era paga todos os mezes, reservando para si de que viver com a austera sobriedade e modestia de um pecador sinceramente arrependido.

Tinha em caza um padre que lhe servia de capellão e de director espirital, e reunia todas as semanas o clero d'aquellas immediações em conferencias religiosas, authorisadas pelo prelado diocesano. Corria então no campo de Coimbra que o velho Lopes de Cantanhede ia tomar ordens, e que diria missa nova no dia em que completasse o decimo quarto lustro.

Em boa hora regressava á patria o antigo protegido de Manoel de Oliveira, pois que yiviam felizes e contentes todas as pessoas que elle devia amar pelas rasões de sangue ou de obrigação e amisade.

(Continúa.)

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

SENHORES DIRECTORES

DA

REVISTA CONTEMPORANEA DE PORTUGAL E BRAZIL



m' direito e um dever levam-me a pedir-lhes que se sirvam fazer inserir no seu periodico esta refutação de uma asserção errada, e injuriosa á memoria de meu pai, e de outros portuguezes que nunca deshonraram a patria e as suas familias, a qual se acha na seguinte passagem, que só ha pouco tempo li de um artigo intitulado=D. Maria Peregrina de Sousa=que vêm a paginas 277 da predita—Revista.—

«O Bispo, de quem a nossa autora tão «feminilmente ignora o nome, era o de Coimbra D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho. A embaixada, a que ella se «refere por tradição confusa, não teve por «fim impetrar para o Throno, bem que vago, «de Portugal o Duque da Dalmacia Marechal «Soult; foram aquelles *bons* Portuguezes a Bayonna, onde então «se achava Napoleão, offerecer-lhe para algum Principe de sua «familia o sceptro de D. Affonso Henriques e de D. João iv.»

A esta rectificação, que assenta em falso como o dito que com ella se quiz emendar, opporei as provas concludentes que contra ambas estas affirmações resaltam dos transumptos que, sem illações, nem reflexões que os atem e liem, para ser breve, passo já a produzir.

**Circular de Junot ás pessoas designadas para comporem
a deputação Portugueza**

«Lisbonne le 23 Février 1808. Monsieur, la Régence (nomeada «pelo Principe depois Rei D. João VI) m'avait montré le désir d'en-
«voyer une députation à Sa Majesté l'Empereur et Roi mon
«Maitre, et ce vœu m'a été exprimé depuis par toutes les classes
«du Royaume. Sur le compte que j'en ai rendu à Sa Majesté,
«Elle y a consenti, et a approuvé la liste que je lui ai adressée, et
«dont vous faites partie. En conséquence vous voudrez bien, Mon-
«sieur, prendre vos mesures de manière à être rendu à Bayonne
«du 1.^{er} au 10 Avril prochain, et dans cette ville vous recevrez du
«Ministre des Relations Extérieures des instructions qui régleront
«votre marche ultérieure. Recevez, Monsieur, l'assurance de ma
«parfaite considération. — Junot.»

**Extracto da =Historia Contemporanea= impressa em Lisboa
na Typographia do Centro Commercial, em 1853.**

«A contribuição tão excessiva lançada por Napoleão á Nação
«Portugueza (por Decreto datado de Milão em 23 de dezembro
«de 1807) trazia de tal forma os animos inquietos que foi preci-
«so dirigir uma respeitosa mensagem ao Imperador, onde, em
«termos lisongeiros, se podesse tocar no vexame e na impossibi-
«lidade de tal exigencia... Junot dirigio a Bayonna uma deputa-
«ção composta dos seguintes personagens, Marquez de Penalva.
«— Marquez de Marialva — D. Nuno Caetano Alvares Pereira de
«Mello — Marquez de Valença — Marquez d'Abrantes — Marquez
«d'Abrantes, D. José — Conde de Sabugal — Francisco, Bispo de
«Coimbra, Conde de Arganil — José Bispo, Inquizidor Geral — Vis-
«conde de Barbacena — D. Lourenço de Lima — D. José Prior Mór
«d'Aviz — Joaquim Alberto Jorge — Antonio Thomaz da Silva Lei-
«tão. Esta deputação remetteu para Lisboa uma Exposição do que
«havia passado, e foi mandada publicar em Portuguez e Francez
«por Junot em todas as Villas e Cidades do Reino (na Capital foi
«ella transcripta na *Gazeta de Lisboa* de 13 de Maio de 1808). No
«2.^o Periodo (que como o 1.^o só contém cumprimentos). dizia as-

«sim: O tempo que nos demorámos nas fronteiras do Imperio Francez, e que precedeo á chegada de Sua Magestade Imperial e Real, nos mostrou em toda a sua extensão o Imperio que tem nos corações dos seus vassallos etc. Depois em outro (no qual se trata do pezado tributo imposto á Nação) diz: Fez impressão no seu coração o pezo da contribuição que opprime Portugal; e a sua bondade lhe directou a promessa de a reduzir a justos limites etc. Conclue dizendo: Sua Magestade Imperial e Real nos autoriza para que vos participe as suas intenções, ficando nós certos que ellas excitaram em vós a maior gratidão e o mais sincero desejo de lhes corresponder, Continuaremos a preencher junto a Sua Magestade Imperial, e conforme as suas ordens, uma missão que não tem difficuldades; pois que a bondade do Imperador se une á sua sabedoria para simplificar os nossos maiores interesses. Bayona 27 d'Abril de 1808. (seguem-se as assignaturas acima referidas).

«A resposta do Imperador foi concebida nestes termos. *Eu nada tenho contra Portugal, nada contra a Casa de Bragança, e nada mesmo contra o vosso Principe, senão o deixar-se levar pelos Ingleses. Vós certamente não quereis que o vosso Reino seja unido á Hespanha. Quereis (note-se bem esta affirmacão, que destroe as do artigo a que respondo, e que adiante se verá a que é allusiva) Vós quereis que seja restituído ao Principe e á sua familia o Throno que abandonou; mas quem o hade trazer do Brazil? Os Ingleses que o levaram? Resta pois saber se podereis ser uma Nação. Neste caso, deveis ter um Rei; mas este Rei deve ter espirito Francez e que vos conserve isentos da escravidão em que vos quer ter a Inglaterra. Não convem Vice-Rei, porque a experiencia tem mostrado que não é bom similhante governo. Não pode conservar-se em Portugal o exercito Francez. Vede pois o que vos convém. Representai e requirei, pois que eu estou prompto para vos ouvir a todos, e a cada um em particular. Venero a Nação Portugueza: sei que esta Deputação é composta das principaes pessoas do Reino: Eu sei que foi excessiva a contribuição que vos impuz vou modificá-la quanto fór possível.*

A pag. 75 da mesma obra lê-se o que segue: «Não deve passar em silencio um dos melhores periodos (que a esta refutação dá muita força) da proclamação do General Dalrymple, chefe do exercito Britannico, datado de 18 de setembro de 1808. Um fidalgo respeitavel (o Marquez d'Abrantes D. Pedro, Presidente da Regencia nomeada pelo Principe depois Rei D. João VI, e depois comparte de Deputação Portugueza) a quem sua Alteza Real entregou o Seu Poder, foi infelizmente removido deste Reino pela auctoridade e artificios do seu inimigo de tal sorte que, neste critico periodo, se acha o Reino privado dos seus serviços, ao mesmo tempo que

«outros destes membros, parecendo suspeitos de adheção aos interesses dos Francezes por haverem entrado no seu Governo, tem tornado impossível na presente occasião o seu restabelecimento no Governo de Sua Alteza Real. (segue-se a nomeação das pessoas que foram chamadas ao Governo.)»

Extracto da Exposição do Bispo de Coimbra D. Francisco de Lemos ao Principe Regente— copiada do original pelo proprio punho do Exm.^o Cardeal Saraiva, e que me foi confiada pelo Exm.^o Sr. Conselheiro Antonio Corrêa Caldeira, seu digno sobrinho, e herdeiro dos seus manuscriptos.

Paragrapho 2.^o «Que, achando-se junta a Deputação em Bayonna, e sendo necessario que cada um dos seus membros dêsse o seu parecer sobre a materia que convinha tratar-se perante o Imperador o qual estava proximo a chegar, assim o executou elle Bispo Conde na Carta n.^o 3, fl. 29, acompanhada da Nota n.^o 4, fl. 32, que dirigio ao deputado D. Lourenço de Lima, por haver sido nomeado Presidente da deputação em Lisboa.»

Paragrapho 3.^o «Que a materia dos artigos desta nota reduziu-se 1.^o á conservação da inteireza do Reino; á reintegração da boa harmonia e amisade que subsistia entre Vossa Alteza Real e o Imperador, e á vinda de Vossa Alteza Real, e de toda a Sua Augusta Familia para este Reino, persuadida pelo mesmo Imperador em carta de convite escripta por elle a Vossa Alteza Real, e levada, se assim o permittisse, ao Brazil, ou por toda, ou parte da deputação: 2.^o a um novo tractado que fixasse todas as connexões de França com Portugal para o futuro: 3.^o, não se dispondo Vossa Alteza Real por algum motivo a tornar para Portugal, a mandar o Principe da Beira, seu Filho, para continuar nelle a Successão do Throno, casando-se com uma Princeza da Familia Imperial: 4.^o, a ser o Principe da Beira acclamado Rei de Portugal, Havendo-o assim por bem Vossa Alteza Real e em quanto não chegasse á idade competente de 14 annos fosse o Reino governado por um Conselho de regencia Nacional debaixo da protecção do Imperador, o qual conselho teria o seu termo logo que o Principe chegasse á dita idade etc. (Veja-se a nota a fl. 94 que serve de illustração a estes artigos.)»

Paragrapho 4.^o «Que, sendo congregada a deputação para conferir sobre a importante materia dos artigos propostos, considerando ella, por uma parte, o estado em que naquelle tempo as coisas se achavam; o Reino occupado pelo Imperador, e governa-

«do em seu nome; Vossa Alteza Real privado do exercicio dos
«direitos da Soberania; Sua Augusta Casa declarada extincta e de-
«cabitada do Throno; projectos formados ou de novas Dynastias
«ou de Uniões: alterações já feitas no Governo do Reino; um
«grande Exercito dentro d'elle; e poderosas forças para manter
«o que se havia occupado, e pretendesse ordenar: E não vendo,
«por outra parte, recursos promptos para a Restauração do mes-
«mo Reino: antes fazendo-se esta cada vez mais difficil pela união
«das armas Francezas e Castelhanas; pareceu-lhe que, em taes
«circumstancias, a proposição dos referidos artigos era até ne-
«cessaria, e mesmo conforme á vontade de Vossa Alteza Real, por-
«que, instando o perigo de realizar o Imperador os projectos que ha-
«via formado a respeito de Portugal, convinha por isso entrar-se lo-
«go em negociação para se descobrirem os destinos que preten-
«dia dar a este Reino; e destruir-se o principio já posto da Cessão
«de Vossa Alteza Real; sendo muito proprio e accommodado para
«estes fins o arbitrio tomado nos ditos artigos 1.º de recorrer-se
«á magnanimidade do Imperador para obrar com vossa Alteza
«Real as generosas acções que em outras occasiões praticara com
«o Imperador d'Austria e o Rei de Napoles, sendo ellas mais de
«esperar no caso de Vossa Alteza Real pela fiel e sincera amisa-
«de com que Vossa Alteza Real o havia sempre tratado, e pela
«boa fé com que havia procedido em todas as negociações poli-
«ticas havidas com elle, particularmente nas que precederam ao
«Seu Embarque e Transporte para o Brazil: 2.º de fazer-se nos
«Artigos propostos uma combinação dos Direitos de Vossa Alteza
«Real com os interesses do Imperador capaz de excital-o a accom-
«modamentos racionaveis e justos, e a sentimentos nobres e ge-
«nerosos: Ficando Vossa Alteza Real conservado na posse dos
«seus Reinos, e ligando-se ambas as augustas Familias por Allian-
«ças de Casamentos e de Tratados que segurassem perpetuamen-
«te entre ambas a harmonia e a paz com interesses reciprocos
«dos seus respectivos Estados. Pelo que tudo, tendo a Deputação
«approvado os referidos artigos, os fez passar pelo seu Presiden-
«te ás mãos dos Ministros do Imperador, para ser este informado
«dos negocios que ella pretendia tratar perante elle.»

Parapho 5.º «Que, tendo o Imperador chegado a Bayonna e
«admittido a deputação á sua presença depois de receber della
«as expressões do respeito devido á sua sagrada pessoa, tomou a
«palavra, e discorrendo sobre a posição de Portugal, suas neces-
«sidades, e interesses, disse» (segue a resposta do Imperador que
já referi).

Parapho 6.º «Que este discurso do Imperador fez grande

«sensação no espirito da deputação porque, achando-se ella esperançada de obter o que pretendia por ouvir dizer ao Imperador que não tinha sentimento algum de odio, de vingança, e de rancôr contra Vossa Alteza Real e Sua Augusta Familia, vio logo desvanecer-se toda esta sua esperança com a declaração que elle passou a fazer de que não queria nem podia deixar abordar a Vossa Alteza Real em Portugal pelas razões de haver Vossa Alteza Real deixado esse Reino, e se ter confiado á guarda das Náus Inglezas, etc.»

Extracto da Gazetas de Lisboa de 21 de Maio de 1814

«Havendo passado as Fronteiras no dia 4 do corrente o Illm.º e Exm.º Marquez de Penalva, seu filho o Illm.º Sr. Antonio Telles da Silva, e o Exm.º e Revm.º Bispo Inquizidor Geral, resgatados no dia 12 de março precedente pelas tropas Portuguezas, e pelo Illm.º e Exm.º Marquez de Campo Maior, Marechal seu commandante em chefe, do tormentoso captiweiro em que por sete annos viveram na cidade de Bordeos; foi summamente grande o regosijo e contentamento com que fôram recebidos neste Reino; sendo antes da sua entrada na Praça de Elvas cumprimentados successivamente pelo ajudante de ordens do Governo, das armas da Provincia, pelo Illm.º e Exm.º Tenente General encarregado interinamente do referido Governo, os quaes os acompanharam parte do caminho, e por toda a officialidade da guarnição d'aquella Praça, que os esperou formada, e todos lhes significaram o seu prazer por vêl-os restituídos á Patria, que sempre honraram.—Na dita Cidade e nas demais terras por onde transitaram foram sempre obsequiados pelos Mágistrados Territoriaes, e Corporações Ecclesiasticas, e applaudidos em geral pelos Povos. Entraram n'esta Capital o Exm.º Marquez e seu filho no dia 8, e o Exm.º Bispo no dia 9 do corrente. O Exm.º Marquez de Penalva, e seu filho, se apresentaram aos Illm.ºs e Exm.ºs Sr.ºs Governadores do Reino no dia 10 do corrente, e foram acolhidos com a attenção, e affabilidade que merecem.»

Tambem na *Gazeta de Lisboa* de 12 do mesmo mez e anno se dá noticia de uma festa, que o Juiz de fóra da Villa de Tarouca, da qual o predito Marquez tinha o titulo de juro e herdade de conde, em acção de graças da libertação d'este e de seus dois filhos Antonio, e Fernandò que fóra feito prisioneiro pelos Francezes; tendo o Marquez d'Alegrete, seu irmão mais velho, acompanhado a Familia Real ao Brazil.

Finalmente a *Gazeta de Lisboa* do fim de maio de 1808 nar-

ram o pedido que n'uma junta convocada por Junot e por elle chamada dos *Trez Estados*, se fez a Napoleão para que este dêsse um Rei a Portugal, pedido, que não tendo se quer chegado ás mãos nem mesmo ao conhecimento dos deputados que estavam em França, por causa da revolta d'Hespanha, como as *Gazetas de Lisboa*, depois da Restauração contaram, é claro que, ainda quando aquella petição forçada houvesse de ser tachada de deslealdadé, mal poderia a Deputação ser cúmplice deste crime.

Depois dos textos que acabo de citar em prova de conducta inculpavel daquelles Portuguezes bons, é inutil produzir alguns documentos que tenho em testemunho do constrangimento com que meu pai fez esta viagem a França onde soffreu um longo exilio que abreviou o numero dos dias de minha mãe.

Tenho, por esta occasião, a honra de confessar-me, Senhores administradores da *Revista Contemporanea* de Portugal e Brazil,

Seu muito attento venerador,

Lisboa em 3 de Março de 1862.

MARQUEZ DE REZENDE.

A TENTADORA

Vai-te, adeus! — Oh se eu te visse,
Se outra vez teus olhos meigos
Brilhassem fitando os meus,
Se ao teu semblante acudisse
A casta luz do pudor!...
Oh, vai-te, vai do meu lado,
Que me arrastas ao peccado,
Que me perde o teu amor.

Tu não sabes, innocente,
Como a luz d'este olhar mente
À tua infantil paixão;
Não pensas, não vês que um'hora
De febril agitação
Te fez sonhar a ventura,
Que vinha só da loucura
D'este ingrato coração!

E sorris se eu te contemplo,
Como se a luz dos meus olhos
Podesse acender os teus,
Como se uma outra existencia
Tornasse mais pura a essencia
De ti, meu anjo de Deus.

E passas timida e bella,
Voltando a fronte singella
A cada passo que dâs;
E se então vês que eu caminho
Olhas-me com mais carinho
Como a dizer: onde vâs? —

E ficas triste se eu parto,
Scismando talvez que longe
Não me recorde de ti;
Que hei de buscar mil olhares,
E correr a mil folgaes
Sem pejo, sem coração;
Esquecer-me n'um momento
Da vida, do sentimento,
Da tua infantil paixão.

Vai-te, adeus anjo celeste,
Volve ao ceu d'onde vieste;
Não queiras perder na terra
O teu vivido esplendor;
Oh, vai-te, vai do meu lado,
Que me arrastas ao peccado,
Que me perde o teu amor!

Pois dize, quando eu te vejo
Não me passa pelo rosto
Uma sombra de desgosto,
De mal contido pezar?
E não te diz esse enleio
Que eu tenho medo, receio....
Receio de te adorar?

Porque, não l'ó digo, ai triste,
Que já de certo sentiste
O peso da tua dôr,
Que já vês, soltos ao vento,
Os teus jubilos de amor.

Soltos, murchos, desbotados,
De brisa em brisa levados,
Como as folhas da açucena
Que em tarde agreste morreu;
Levados, quando sorriam
A mil futuros d'encanto;
Como os suspiros de um canto
Levados até ao ceu!

Hoje, se em tua alma afflicta
Romper a esperança amiga,
Se um raio da luz antiga
De novo te deslumbrar,
Se eu passar junto ao teu lado,
Ai, não sonhes o passado,
Não o queiras recordar.

Esconde nas tuas azas
O semblante immaculado ;
Sabe Deus se um mau destino
Nos perderia outra vez !
Sem força, sem luz, sem tino,
Teu coração desvairado
Sucumbiria ao peccado,
Se eu me rendesse a teus pés.

Hei de amar-te, hei-de podel-o ;
Mas teu rosto ingenuo e bello
Não posso, não quero vel-o,
Que era certa a perdição ;
Levaria a desventura
Cego, ardente, em meu delirio
Á tua alma, isempta e pura
De uma sombra de traição.

Vai-te, adeus anjo celeste,
Volve ao ceu d'onde vieste ;
Não queiras perder na terra
O teu vivido esplendor.
Oh, vai-te, vai do meu lado,
Que me fascina o peccado,
Que me perde o teu amor !

Janeiro de 1862.

E. A. VIDAL.

CHRONICA POLITICA

Lisboa, 28 de abril de 1862.



ue diremos da situação politica do paiz?

O jogo está tão intrincado, os parceiros tão discordes, os naipes tão baralhados, e os triumphos tão divididos, que é difficil conjecturar quem ha de fazer a vaza.

A pericia dos jogadores é tão problematica, que provavelmente será o banburrio quem decidirá da partida. O sr. Marquez de Loulé tinha a mão, mas jogou arriscado, descartando-se de algumas figuras, que lhe fazem falta. Arriscou-se a levar *chelem*, se os parceiros contrarios souberem apurar os seus naipes, e reservar as cartas firmes para quando tiverem a péga

Pois não é um jogo a politica? Infelizmente os parceiros nem sempre jogam liso, e é muitas ve-

zes a trapaça quem dá o ganho.

Demais o jogo é desigual, porque muitos não tem que perder, e esses por via de regra são os mais audazes.

Quando é difficil conjecturar o futuro, não ha mais a fazer do que moralisar os factos.

O governo addiou as camaras: é o acontecimento politico do mez. A nova administração não tinha sido bem recebida em nenhuma das duas casas do parlamento. Este é o facto. Os novos ministros porém tinham sido tirados do seio da maioria da camara electiva. Esta é a contradicção. A camara é falta de logica, dizem os defensores do novo ministerio, e morra por elle. Porém a logica dos partidos não é tão simples e comesinha comó a logica do italiano Antonio Genuense, que se aprende no Pateo ou no collegio do padre Sicouro. A questão de pessoas está muito abaixo da questão de idéas e de principios, é verdade. Mas é tambem verdade que o governo se compõe de pessoas, e que para que as idéas e os principios triumphem na esphera do governo, é necessario que elles encarnem nas pessoas que hão de pol-os em pratica: isto é, que as pessoas as adoptem e professem do coração, e que sejam capazes de as levar á pratica. D'aqui nasce a questão de confiança, a questão essencialmente politica de todas as assembléas governamentaes. Se para ter direito ao apoio da maioria de uma camara bastasse só declarar que se adoptavam os principios d'essa maioria, os ambiciosos sem principios governariam sempre, e os homens de consciencia que não sabem transigir sobre as suas convicções para obterem uma pasta, ficariam eternamente condemnados a circunscreverem-se na sua honestidade esteril. Felizmente o instincto moral do homem, como o das assembléas e do publico, sem deixar de ser muitas vezes fallivel, sabe nos suas affeições e nas suas repugnancias, discriminar a verdade das apparencias.

Não dissemos isto com o fim de julgar o caso sujeito, e de fazer a apologia do procedimento da camara dos deputados. Muito menos pretendemos comprehender na hypothese, que figuramos, todos os novos ministros. Queremos só pôr a questão como ella é, e não como a paixão a tem apresentado. A attitude da camara pôde ter uma explicação, que não seja degradante. Desconfiamos principalmente dos que vituperam hoje com acrimonia, tendo hontem louvado e elogiado com excesso. Estes subitos reviramentos não podem ser filhos da razão esclarecida, mas só da paixão e do despeito.

A primeira discussão, em que o governo poude exprimentar as poucas sympathias da camara foi a proposta da arrematação dos bens do convento de freiras de Arouca. Estes bens foram arrematados por um cunhado do sr. ministro da fazenda; mas por um equívoco da secretaria ou do thesouro os bens tinham sido retirados da praça. Esta questão foi levada á camara com commentarios pouco benevolos, posto que se não accusasse directamente o ministro de intenção fraudulosa n'esta irregularidade.

Porém a materia, mesmo tractada com a maior benevolencia ostensiva, offerecia pasto á calumnia, que infelizmente n'este paiz é a arma traçoieira, de que se tem servido por muitas vezes os partidos politicos. Toda a gente de bom senso e despreoccupada acreditava na innocencia do ministro. Não obstante, no segundo dia de discussão, o aspecto da camara era severo, e as gallerias estavam apinhadas de espectadores. O ministro justificou com documentos a não culpabilidade do seu procedimento, e declarou que annullava a arrematação pela irregularidade commettida por erro da repartição. Toda a satisfação estava portanto dada aos mais exigentes. Porém as explicações tinham trasido a questão politica. A sessão foi prorogada, e uma hora

depois da que é fixada para o encerramento dos trabalhos, coube a palavra ao sr. Casal Ribeiro, cujo discurso a camara e o publico esperavam com ansiedade. Estava presente na memoria de todos a maneira como o sr. Lobo d'Avila em diferentes occasiões, e em circumstancias muito menos desfavoraveis, tinha alimentado com a acrimonia e as insinuações dos seus discursos as mais atrozes calumnias contra ministros, cuja honestidade só a malevolencia e depravação dos nossos costumes politicos podia pôr em dúvida. O sr. Casal Ribeiro tinha sido no seu ministerio uma victima notavel d'este deploravel systema, notavel pela iniquidade das accusações, e pelas antigas e sempre da sua parte leaes relações de amisade com o sr. Lobo d'Avila, que fez côro com os accusadores, e que quiz n'uma discussão celebre provocar uma resolução da camara, que seria desairoza para o ministro calumniado. A occasião era boa para o desforço, se o sr. Casal Ribeiro fosse um d'estes espiritos moralmente tacanhos, como ha tantos. Sem ostentação de generosidade, que tambem é uma offensa, sem vislumbres de resentimento que denunciam animo apertado, o sr. Casal Ribeiro fez um discurso honroso para o seu adversario, e sobre tudo honroso para si pela delicadeza e elevação dos sentimentos, que revelava. Por mais de uma face vimos deslizar uma lagrima, tanto pôde sobre nós a eloquencia dos sentimentos probos. O ministro justificado, e que já na primeira vez que fallára n'esta sessão tinha prestado homenagem á honestidade dos antigos adversarios, não foi superior á emoção, e veio dar ao sr. Casal Ribeiro o abraço da reconciliação ou o do arrependimento. Apesar porém da plena justificação do ministro, authenticada pelas declarações de todos os que tomaram parte na discussão, a camara mostrou a sua má vontade, dando o negocio por terminado sem votar uma moção, que havia sido proposta pelos amigos do governo.

Logo depois o governo apresentou ás camaras uma proposta de lei sobre corporações religiosas e sobre o ensino, que é do theor seguinte:

«Artigo 1.º Não é permittida a existencia de comunidades, congregações ou corporações religiosas de um e outro sexo, introduzidas ou modificadas depois da publicação dos decretos com força de lei de 9 de agosto de 1833, 28 de maio de 1834 e 28 de julho do mesmo anno, seja qual fôr o numero dos subditos ou associados de que se componham, o motivo do seu estabelecimento e a qualidade ou duração de seus votos.

«Art. 2.º Nenhum estabelecimento publico ou particular, de instrucção ou beneficencia poderá admittir ao exercicio do ensino e educação quaesquer individuos nacionaes ou estrangeiros, pertencentes ás comunidades, corporações ou congregações religiosas, de que trata o artigo 1.º, sem que para isso seja expressamente auctorizado por uma lei.

«Art. 3.º As disposições do artigo precedente são extensivas aos serviços hospitalarios e beneficos dos referidos individuos, pertencentes ás mencionadas comunidades, congregações ou corporações religiosas, nos estabelecimentos pios dependentes do estado, dos municipios, das juntas de parochia e de quaesquer corporações de mão morta.

«Art. 4.º O governo proverá immediatamente á organização do ensino e educação da infancia nos estabelecimentos de beneficencia tanto publicos

como particulares, regulando tudo o que respeitar á sua administração, regimen e direcção moral.

«Art. 5.º Ficam por esta fórma confirmados e declarados os decretos com força de lei de 9 de agosto de 1833, 28 de maio de 1834 e 28 de julho do mesmo anno.»

Decidio a camara que para examinar este projecto fosse eleita uma commissão especial. A eleição d'esta commissão foi um novo cheque para o governo. No primeiro escrutinio saíram eleitos seis membros dos sete, de que a commissão devia compôr-se. D'estes seis foram cinco da lista da opposição extreme, os srs. Casal Ribeiro, Fontes, Serpa, Nogueira Soares e José Maria de Abreu, e um da lista do governo, o sr. Ferrer. O vencimento teve lugar por um a dous votos. No segundo escrutinio saio eleito contra o candidato do governo, e por maioria de 14 votos, o sr. Alves Martins, dissidente, adoptado pela opposição. Em presença d'este resultado o conflicto estava estabelecido entre o governo e a camara.

N'estas circumstancias, não podendo os membros do governo concordar na dissolução da camara, segundo se disse geralmente, decidiram adiar até o dia 22 de abril. O motivo ostensivo do addiamento, apresentado no conselho de estado, foi a conveniencia do preenchimento da pasta das obras publicas e ainda a alteração no pessoal de alguma outra pasta, se fosse necessario, no intuito de conciliar a maioria. No dia do addiamento o ministerio e a opposição celebraram as suas reuniões. O numero de deputados, que concorreram á reunião ministerial, excedeu apenas de dous o numero dos que concorreram á reunião opposicionista. Os dissidentes reuniram-se no dia seguinte, e este grupo de perto de trinta membros decidio não se ligar com o governo se não pelo accordo de todos, e pelo regresso do gabinete á politica cenciliadora dos ministerios anteriores.

Estes primeiros dias de addiamento tem-se passado em tentativas de conciliação do gabinete com os dissidentes sem probabilidade de se chegar a um accordo.

A commissão encarregada de examinar a proposta do governo sobre as corporações religiosas e sobre o ensino decidio adiantar os seus trabalhos no intervallo das sessões, a fim de apresentar o seu parecer e um contra-projecto, em substituição das disposições propostas do governo, na proxima abertura do parlamento.

Os actos do executivo, que constam da folha official são de minima importancia. O sr. ministro da justiça, que dizem ser muito mais expedito do que o seu antecessor na solução dos negocios ordinarios da sua repartição, tem adoptado algumas medidas regulamentares de vantagem para a expedição da justiça commercial, em cuja especialidade tem a competencia, que lhe dá a sua longa e honrosa practica n'esta carreira.

O sr. Mendes Leal, não menos solícito e infatigavel, tem dado, segundo consta, um expediente desusado aos negocios da sua importante pasta, e prepara-se, segundo se diz, para apresentar propostas importantes na proxima reunião das côrtes. Alguns vasos de guerra, surtos no Tejo, preparam-se para uma saída proxima.

O futuro da situação é incerto até á reabertura do parlamento.

CHRONICA LITTERARIA



a um livro que corre n'este momento todas as mãos. Jornalistas e escriptores, poetas e homens de sciencia, estadistas e financeiros, fidalgos e burguezes, damas elegantes e artistas distinctos, lêem-n'o, analisam-o, discutem-o, exaltam-o e admiram-o. O chronista tambem o leu, com amor, com respeito, com devoção, com alvoroço; leu-o finalmente, com o preito e enthusiasmo devidos á obra de um genio — do maior genio talvez que irradiou na litteratura do seculo actual. Profundas e suaves impressões lhe ficaram gravadas depois da sua leitura, e são essas impressões que vai revelar. Será tal revelação uma simples continencia de soldado razo, mas devotado á fleira que a voz sonora e varonil do auctor, domina.

Les Misérables, de Victor Hugo, são um monumento litterario, tão digno do prestigio universal, e tão cheio d'elle, como uma estatua de Phidias ou Miguel Angelo, como um quadro de Raphael ou Rubens.

Todas as nações os conhecem já, todos os paizes os adoptam. Victor Hu-

go é um simbolo, é uma realza, como eram Rubens e Raphael, Miguel Angelo e Phidias, que os diferentes povos reverencia e aclama.

Bienvenu e o Convencionado, Baptistine e Magloire, Valjean e Fantine, são figuras umas esculpidas em bronze, outras cinzeladas em marmore, que extasiam os olhos, pelo vigor e correção das linhas, pela finura e mimo dos toques, pelo relevo e expressão das fisionomias. É tal o primor d'aquelles desenhos, que o leitor acaba por vê-los moverem-se e fallar. Contempla-lhes as feições, percebe-lhes os gestos, escuta-lhes a voz, divisa-lhes as lagrimas, ouve-lhes os gemidos e sente-lhes o coração. Principia observando uma galeria de retratos, termina convivendo quasi com os originaes.

Depois que surpresas e arrojões de estylo, que elevação e esplendor de imagens, que belleza e verdade nas descripções que profundeza de idéas, que valentia de imaginação! Ha ali muita observação, grande sciencia, extraordinarios conhecimentos dos homens e das coisas. O philosofo e o poeta, ostentam-se ali abraçados, rivalizando a sabedoria de um com as galas do outro.

Les Misérables, é um romance social, profundamente meditado e conscienciosamente estudado. É um aviso e uma lição. É um protesto e um brado eloquente. Não se limita a deleitar, a commover, e interessar pela acção e pelos lances; vai mais longe, vai aonde devem ir todas as obras da intelligencia, seja qual fôr o seu genero, vai aonde não podia deixar de ir um livro firmado por Victor Hugo, vai desvendar as chagas hediondas que maculam a sociedade actual, apontando os meios de as curar. Dois typos apresenta já nos dois volumes publicados, *Valjean e Fantine*, como victimas d'essa mesma sociedade, que para os castigar de erros provenientes da desgraça ou da miseria os perverte. E tudo isto é provado com razões e com factos incontestaveis, descrevendo a incessante e prolongada lueta dos dois infelizes, lueta do bem e do mal, do bem que ainda lhes anceia n'alma, do mal a que o abandono e o desprezo da sociedade os impelle, negando-lhes todo o auxilio e toda a protecção. Afinal lavra a corrupção, inveteram-se os vicios, matam a consciencia os habitos, some a gratidão o instincto, como poderosamente o attesta o roubo da prata feito por Valjean ao bispo depois da caridosa e evangelica hospedagem d'este.

Bienvenu é uma edificante e exemplarissima criação. É o digno apostolo da religião de Christo. E' o homem despido de todas as vaidades mundanas, votado exclusivamente a cumprir a santa missão que abraçara. Não sacrifica aos pobres só as pompas e ostentações que a igreja lhe concede tambem se resigna a viver com pouco, até com privações, para lhes dar mais. E' finalmente o Evangelho personificado no sacerdote.

Não admira, pois, o exito, o prestigio a sympathia, o arruido, a sensação geral que *Les Misérables*, tem produzido. E' mais que um livro, é mais que um romance, é mais que uma obra de imaginação; é a anatomia de uma época, dessecada com factos e reconstruida com idéas. Embora os falsos evangelisadores deprimam e calunniem o auctor, o auctor ha de triumphar.

Era a Alexandre Herculano, ou a Castilho, ou a Mendes Leal, ou a Rebelo da Silva, ou a Latino Coelho, ou a Camillo Castello Branco, que convinha e cumpria ser encarregada a versão d'este livro admiravel. Bem andaria o editor que tal fizesse. Enriqueceria assim a litteratura nacional com um valioso trabalho e havia de colher necessariamente bons proventos. Era um incentivo mais para attrahir a curiosidade dos leitores. Era assegurar-lhe a boa e justa interpretação da obra. Era além de uma excellente aquisição para satisfazer o interesse do momento, um livro que havia de ficar e que havia de merecer um logar reservado em toda e qualquer livraria escolhida.

Les Misérables, reclamam para interprete um bom estylista, um perfeito conhecedor das duas linguas, um prosador elegante e vigoroso na phrase. Apontámos os que reúnem entre nós taes predicados. Oxalá que algum d'elles fosse incumbido de tão ardua e difficil tarefa. O traslado justificaria então o valor do original conservando ao romance o esplendor litterario, que é uma das suas mais brilhantes qualidades, além do pensamento social que o inspirou.

Alguns livros novos vieram ultimamente guarnecer a nossa estante, e entre elles contam-se dois volumes de auctores brasileiros. A distincção com que nos honraram n'estes brindes litterarios, impõe-nos o dever — ameno e attrahente dever, — de aventurarmos as nossas impressões. Chama-se o primeiro livro *Variedades Litterarias*, por J. M. Pereira da Silva. Encerra estudos sobre as litteraturas estrangeira e nacional, descripções de viagens, memorias politicas, romances e poesias. Em todos estes generos denuncia o auctor verdadeiro amor ao estudo. Nas *Impressões de Viagem*, a linguagem é fluente e simples, como convém ao estylo epistolar, apresentando ao mesmo tempo, sem pedantismo, considerações e apreciações sobre os diversos ramos litterarios e mostrando-se lido e versado nos principaes escriptores. São aquellas paginas diplomas de viajante illustrado que busca cultivar-se, e que se cultiva, recreando-se.

A novella *Religião amor e patria*, é um bello quadro cheio de interesse e habilmente traçado. Rescendem algumas scenas um delicado perfume de sentimento que captiva e affaga docemente a alma. Se foi um ensaio justifica uma bella vocação para o romance, vocação que lhe aconselhariámos aproveitar, profetisando-lhe lisongeiros resultados.

Cumpre-nos fazer igualmente menção das sentidas paginas que dedicára a Junqueira Freire, um bello poeta, arrebatado á vida na flôr dos annos e na força do talento. E era um poeta verdadeiro. Basta ler alguns trechos citados pelo Sr. Pereira da Silva para perceber que lhe ardia no cerebro a chama divina. Impressionou-nos profundamente a triste historia de Junqueira Freire, por que nos veio avivar uma grande pena. O poeta bahiano teve um destino igual ao nosso poeta Soares Passos. Tambem este publicou um bello livro, e logo que o entregou ao mundo, como para deixar a dôr e a saudade, fechou os olhos e desceu á sepultura. Sentiam as mesmas aspirações, aspirações de tristeza e melancolia. Ambos fitavam o céu, ambos tinham identicos presentimentos. Comparem o trecho intitulado *Tristeza*, que transcrevemos por occasião de prestarmos singela homenagem á me-

moria do nosso chorado vate, comparem-no repetimos, a este do vate bahiano que em seguida reproduzimos :

Porque se me extasia a mente ás vezes,
E vaga, a vaga, aligera e perdida
Pelas soidões do firmamento ethereo,
Bem como o seraphim que esguarda os mundos,
Livres os celestes páramos percorre?

Porque penetra ás vezes, arrojada,
Nos mysterios reconditos do eterno,
E toda entorna-se a seus pés,—bem como
O alabastro de nardo aos pés de Christo?
Porque se abraça em incorporeo amplexo
Co'os angelicos seios de além-astros,
E, como a chave das eternas portas,
Abre os thesouros do poder do Altissimo
E n'elles bebe inexauriveis gozos?

Soares Passos e Junqueira Freire, como Gilbert e Chatterton, viveram pouco, e viveram de sonhar e delirar, delirios e sonhos que lhes apressaram as existencias, mas que lhes perpetuaram os nomes.

Felicitando o Sr. Pereira da Silva, pela sua obra, que assignál-a lisonjeiramente o progresso litterario do Brazil, aguardamos anciosos o esboço de lhe tributarmos novos e tão merecidos louvores.

O segundo livro com que foi mimosiado o chronista, intitula-se *Luiz do Rego e a Posteridade*, pelo conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro. Contém um estudo historico sobre a Revolução Pernambucana de 1817, estudo lido no Instituto Historico e Geographico Brasileiro perante S. M. El-rei o Sr. D. Pedro II. É um trabalho reflectido e pensado, escripto com clareza e por vezes elevação competentemente documentado e laboriosamente investigado. O intento principal do auctor foi libertar Luiz do Rego, das graves accusações que ainda pesam sobre elle. A defeza está digna e brilhantemente apresentada.

Tambem temos diante de nós a *Revista Popular*, jornal illustrado e quinzenal, que já conta tres annos de existencia. A publicação é merecedora do acolhimento que mostra pela sua duração haver recebido. Traz artigos curiosos e vê-se que é collaborado por boas pennas.

Volveremos agora a attenção para o movimento litterario da nossa terra. Procurando em cima da nossa meza de trabalho, deparámos logo á direita com os *Annaes da Associação dos Advogados de Lisboa*, dos annos de 1856 e 1861. Além dos magnificos relatorios elaborados pelo secretario perpetuo o sr. A. J. da Silva Abranches, uma das primeiras e melhores illustrações do fóro portuguez, encontram-se ali valiosos discursos e notaveis elogios-historicos. Entre estes sobresaem o do sr. José Maria da Costa Silveira da Motta, pronunciado pelo sr. dr. Silva Abranches, e o do sr. Ignacio Pedro Quintella Emauz, recitado pelo sr. Paulo Midosi; entre aquelles re-

commendam-se os lidos e proferidos pelos srs. Francisco Jeronymo da Silva, Ignacio Silveira da Motta, Carlos José de Oliveira e João Gerardo de Sampaio Effrem.

Agradecendo à *Associação dos Advogados*, a dadiva com que nos contemplou e honrou, terminamos fazendo votos pela prosperidade de tão bella fundação, prosperidade que facilmente adquirirá, escudada como se acha, por distinctas e vastas intelligencias.

Ha tambem a festejar uma nova aquisição para o repertorio nacional. É um drama-sacro intitulado *Santa Iria*, que o sr. Cesar de Vasconcellos escreveu para o theatro do Gymnasio. O auctor affastou-se dos moldes conhecidos nas producções d'este genero buscando imprimir á sua uma nova fórma. Não se limitou a crear surpresas, a inventar visualidades, a dispor milagres; foi investigar a epocha, estudar-lhe a linguagem, observar-lhe os costumes. Depois seguiu a lenda, traçando singelamente a acção e desenhando com esmero os caracteres. D'aqui proveio ficar o drama *Santa Iria*, tão conveniente para a scena como apreciavel para o gabinete, distanceando-se assim da maioria das oratorias. Receba, pois, o auctor os nossos parabens.

O fecundo e fertil escriptor Camillo Castello Branco, tambem está quasi a terminar um novo romance intitulado *Coração, Cabeça e Estomago*, que será publicado pelo edictor Pereira.

Remataremos a chronica narrando a conversação que teve logar entre quatro amigos á sahida de um baile. A scena passa-se no interior de uma carroagem e os personagens que figuram são os seguintes: um ex-ministro, um medico, um jornalista e um elegante da sociedade lisbonnense. Uma estrepitosa gargalhada que soltou o jornalista fez deu uma pergunta em côro aos tres companheiros.

— De que te ris?

— Foi uma idéa que me passou pela cabeça.

— Uma idéa, só, a estas horas e á sahida d'um baile? exclamou o mais satyrico dos tres. Has de dizel-a?

— Não vale a pena.

— Ja valeu alguma coisa. Encheu-nos de curiosidade. Aposto que é uma grande idéa.

— Estás enganado. É uma triste idéa, apesar do riso que me despertou.

— Melhor. A noite está escura convida as idéas negras.

— É uma triste idéa, repito, e veio-me, olhando para ti.

— Para mim! retrucou o amigo, meio desapontado. É o mesmo; diz.

— Lá vai. Reparaste nas tendencias da moda para a epocha de Luiz XIV, n'aquelles donaires e louçanias que as senhoras hoje apresentavam? Reparaste no contraste que o nosso traje fazia com tudo aquillo? É natural. Espirito observador e analytico, como tu és, não te devia escapar. Pois aqui tens a idéa que me despertou a gargalhada homérica que soltei; foi a idéa de uma casaca ao lado dos caprichosos e fantasticos arabescos que guarnecem as sedas multicôres que apparecem n'um baile. Bem diz um espirituoso amigo nosso, que, os trajes masculinos foram inventados pelas mulheres para conservarem a vantagem da graça e por consequencia da dominação absoluta. Justifica elle o seu paradoxo, que talvez o não seja, citando os sober-

bos Palikares. Todos sabem que são typos de formosura as gregas, e os gregos entusiastas dos ornatos pittorescos. Nos pontos em que se conserva o traje nacional são os gregos que andam enfeitados e garbosos e são as gregas que os admiram. Segue-se d'isto que as donzellas da Grecia sollicitam os maridos com a humildade da dependencia, e que realiado o enlace o conjuge reina e governa em casa. Com a estúpida invenção das nossas casacas e chapéos succede exactamente o contrario, diz este amigo. O pretendente é martyr, e depois de marido martyr duas vezes. Reina e não governa, e mais frequentemente não governa nem reina. É a realeza constitucional levada ao extremo da perfeição. Tudo isto porque? conclue o nosso amigo filosofo. Porque a elegancia é despotica e porque as mulheres a reservaram para si, deixando aos homens os parlamentos, os batalhões, o jury e os empréstimos — os empréstimos sobre tudo.

— Logo deves a tua idéa á minha casaca?

— Exactamente.

— Do chapéo de um ministro é vulgar sahirem idéas... parlamentares; da casaca dos escriptores nunca saio senão uma...

— Qual?

— A de a virar.

— Mas d'um poeta satyrico póde nascer outra; a de abolir a sobredita...

— Idéa?

— Casaca, pelo ridiculo.

31 de Março de 1862.

ERNESTO BIESTER.

